

Nguyen Thi Hai

**As perífrases verbais no ensino-aprendizagem de PLE: um caso
em estudo**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Português Língua Segunda/Língua Estrangeira, orientada pela Professora Doutora Isabel Margarida Ribeiro de Oliveira Duarte e coorientada pela Professora Doutora Ângela Cristina Ferreira de Carvalho

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro de 2015

As perífrases verbais no ensino-aprendizagem de PLE: um caso em estudo

Nguyen Thi Hai

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Português Língua Segunda/Língua Estrangeira, orientada pela Professora Doutora Isabel Margarida Ribeiro de Oliveira Duarte e coorientada pela Professora Doutora Ângela Cristina Ferreira de Carvalho

Membros do Júri

Professora Doutora Isabel Margarida Duarte
Faculdade de Letras- Universidade do Porto

Professor Doutor Rogélio Ponce de León Romeo
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Sónia Valente Rodrigues
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: Valores

ÍNDICE

Agradecimento	5
Resumo	6
Abstract	7
Índice de tabelas	8
Lista de abreviações e siglas	9
Introdução	10
Parte I. Enquadramento teórico	12
1. Verbos auxiliares em português	12
1.1 Os tipos de verbos auxiliares em português	12
1.2 Propriedades dos verbos auxiliares	13
2. Perífrases verbais em português	19
2.1 Definições das perífrases verbais	19
2.2 Formalização das perífrases verbais	20
2.3 Os tipos de perífrases verbais.....	22
2.3.1 As perífrases verbais aspetuais.....	22
2.3.2 As perífrases verbais temporais.....	25
2.3.3 As perífrases verbais modais	25
3. Algumas perífrases verbais mais frequentemente usadas do português.....	26
3.1 Estar a + infinitivo.....	26
3.2 Andar a + infinitivo	27
3.3 Começar a + infinitivo.....	27
3.4 Continuar a + infinitivo	28

3.5 Acabar de + infinitivo	29
3.6 Ir + infinitivo	29
3.7 Haver de + infinitivo	30
3.8 Ter de + infinitivo	30
3.9 Dever + infinitivo	31
3.10 Poder + infinitivo	31
Parte II. Enquadramento prático	33
1. O estágio pedagógico	33
1.1 Caracterização das turmas	33
2. Descrição das unidades didáticas	34
2.1 Tipologia das atividades aplicadas	34
2.2 Descrição das unidades didáticas	36
2.2.1 Primeira unidade didática	36
2.2.2 Segunda unidade didática	39
2.2.3 Terceira unidade didática	40
2.2.4 Outras atividades	42
2.3 Assuntos e questões colocados pelos alunos	43
3. Avaliação dos resultados obtidos e das atividades aplicadas	44
3.1 Os resultados da turma 1	44
3.2 Os resultados da turma 2	47
3.3 Avaliação das atividades aplicadas	50
Conclusão	53

Referências bibliográficas.....	55
Anexos.....	57
Anexo I.....	58
Anexo II.....	59
Anexo III	60
Anexo IV	62
Anexo V	63
Anexo VI.....	64
Anexo VII.....	65
Anexo VIII	66

Agradecimentos

Antes de mais, os meus primeiros agradecimentos vão para a minha orientadora, a Professora Doutora Isabel Margarida Ribeiro de Oliveira Duarte, não só pela sua orientação neste trabalho, mas também pelo seu entusiasmo e disponibilidade.

De maneira especial, queria também agradecer à Professora Doutora Ângela Cristina Ferreira de Carvalho pelo incentivo, apoio e paciência demonstrados ao longo destes dois anos. A experiência profissional que ganhei no meu estágio pedagógico servirá para o meu trabalho pedagógico futuro.

Agradeço a todos os professores e colegas do Curso de Mestrado de Português Língua Segunda/Língua Estrangeira, especialmente à Laura Baptista, de quem sempre recebi simpatia, incentivo, apoio e amizade.

Em seguida, queria agradecer às minhas colegas de casa Joana Furtado e Amanda Conduto, com quem estudei a língua e a cultura portuguesa, de uma maneira diferente e mais próxima. Os conhecimentos que adquiri foram e serão muito úteis.

Queria dirigir um agradecimento especial ao programa Erasmus Mundus e à Universidade do Porto por me terem dado a oportunidade de estudar na Universidade do Porto, num ambiente profissional, e de conhecer os meus caros colegas e professores.

Por último, queria agradecer aos meus pais pelo apoio incondicional durante o meu percurso académico. A eles dedico este trabalho.

Resumo

Este presente relatório tem como objetivo relatar a experiência docente durante o ano de estágio pedagógico, no âmbito do ensino das perífrases verbais do português a alunos de português língua estrangeira.

Após apresentar brevemente os verbos auxiliares, as perífrases verbais do português e as suas propriedades, inicia-se o relatório crítico do trabalho letivo acerca do tema mencionado, relatam-se as estratégias e atividades usadas no ensino das perífrases verbais. No final, através dos resultados obtidos, estuda-se o desenvolvimento da utilização das perífrases verbais dos alunos, avaliando assim as estratégias aplicadas.

Espera-se que o relatório possa contribuir e apoiar o ensino-aprendizagem das perífrases verbais de todos os que se interessam por este tema, especialmente os professores e alunos de português língua estrangeira.

Palavras-chave: português língua estrangeira (PLE), ensino-aprendizagem das perífrases verbais, verbos auxiliares.

Abstract

This study provides teaching experience gaining from a one-year teaching practice in Portuguese verbal periphrasis for students who study Portuguese as a foreign language at Faculty of Arts, University of Porto.

The first section of the study is the introduction of auxiliary verbs. It is then followed the presentation of the Portuguese verbal periphrasis and their properties. The second section is a brief critical report on the mentioned topic and the strategies and activities used in teaching verbal periphrasis. In the last section, by using the results obtained during the classes, the progress of verbal periphrasis utilization by students was studied and the strategies applied by the teacher were evaluated.

This study is expected to contribute to the process of teaching and learning verbal periphrasis and to assist those who are interested in the topic, especially teachers and students of Portuguese foreign language.

Keywords: Portuguese foreign language, teaching and learning of verbal periphrasis, auxiliary verbs.

Índice de tabelas

Tabela 1: A utilização das perífrases verbais nos trabalhos escritos dos exames finais dos alunos da turma 1	45
Tabela 2: A correção no uso das perífrases verbais no exercício de preencher os espaços da turma 1.....	47
Tabela 3: A utilização das perífrases verbais no trabalho escrito dos exames finais dos alunos da turma 2.....	48

Lista de abreviaturas e siglas

inf. = Infinitivo

PLE = Português Língua Estrangeira

pp = Particípio passado

Vauxiliar = Verbo auxiliar

Vpleno = Verbo pleno

Introdução

A ideia para a abordagem deste tema surgiu depois das minhas primeiras aulas de observação numa aula do nível A1.2¹ do Curso Anual de Português para Estrangeiros na Faculdade de Letras da Universidade do Porto². Por prestar atenção às produções orais e escritas dos alunos durante as aulas, notei que a maioria utilizava verbos plenos. Houve poucos alunos que tentaram utilizar construções perifrásticas apoiadas pelos verbos auxiliares nos diálogos ou trabalhos escritos. No entanto, aconteceram vários problemas relativos ou ao plano semântico ou ao plano sintático. Como sabemos, os verbos auxiliares, quando se combinam com a forma finita de um outro pleno, podem exprimir e transferir os mais variados conceitos, tais como aspeto, tempo ou modo. A ausência de emprego dos verbos auxiliares causou várias dificuldades aos alunos na transmissão das informações necessárias ou causou até a perceção errada das informações enunciadas. Decidi trabalhar neste tema depois de consultar e receber conselhos da minha professora orientadora de estágio pedagógico, a Professora Doutora Ângela Carvalho, que também desempenhou o papel de docente das duas turmas, em que realizei o meu estágio. A minha esperança inicial era de ajudar os alunos a poder utilizar as perífrases verbais para expressar corretamente e de forma variada as informações, que queriam transmitir, nos domínios semânticos de tempo, de modalidade e de aspeto.

Este relatório foi redigido depois do meu estágio pedagógico em duas turmas separadas do nível A1.2 do mesmo curso mencionado acima, no ano letivo 2014-2015³. Os seus objetivos principais são:

1) Apresentar breves informações teóricas sobre os verbos auxiliares e perífrases verbais do português;

¹O nível de iniciação segundo QECR.

²Curso exclusivamente para cidadãos estrangeiros, com idade igual ou superior a 16 anos, para os quais o Português seja Língua Estrangeira

³O Curso Anual decorreu 2014 a 2015, e esteve dividido em dois semestres independentes de 60 horas letivas cada (duas horas por uma aula e duas aulas por semana): •1º Semestre: outubro de 2014 – fevereiro de 2015

•2º Semestre: fevereiro – junho de 2015.

2) Apresentar e avaliar a experiência do ensino e o treino do uso das perífrases verbais para os alunos do nível A1 do curso de PLE da Faculdade de Letras da Universidade do Porto através de atividades e estratégias didáticas.

3) Refletir sobre e avaliar a aprendizagem dos alunos através das produções orais e escritas durante as unidades didáticas e os exames finais.

Além dos objetivos mencionados, o relatório também apresentará algumas dúvidas e questões mais colocadas pelos alunos sobre a utilização das perífrases verbais, bem como proporá uma reflexão sobre os erros comuns dos alunos quando as usam. Espera-se que o relatório possa, pelas suas experiências e resultados obtidos, contribuir em parte para o ensino-aprendizagem das perífrases verbais no âmbito do PLE.

O relatório encontra-se dividido em duas partes:

- (1) Parte I: Enquadramento teórico. Em primeiro lugar, esta parte apresenta as definições dos verbos auxiliares, as suas propriedades e os seus valores nas perífrases verbais. A seguir, propõe-se uma tentativa de análise dos tipos de perífrases verbais e apresentam-se das perífrases verbais mais frequentemente usadas na língua portuguesa.
- (2) Parte II: Enquadramento prático. Esta parte não só apresenta uma reflexão sobre as unidades letivas e as estratégias aplicadas no ensino das perífrases verbais, bem como avalia o uso das perífrases verbais dos alunos e do seu desenvolvimento através das produções e atividades realizadas pelos alunos em sala de aula e nos exames.

Parte I. Enquadramento teórico

1. Verbos auxiliares em português

1.1 Os tipos de verbos auxiliares em português

Os verbos auxiliares e semiauxiliares do português⁴, segundo Raposo (2013, p.1221), são os verbos que “se combinam com o verbo pleno de uma oração, contribuindo com informação nos domínios semânticos do tempo, da modalidade e do aspeto”.

De acordo com o Dicionário Terminológico online⁵, um verbo auxiliar “coocorre, precedendo-o, com um verbo principal ou um verbo copulativo e que não determina quais os complementos ou o sujeito que ocorrem na frase.” Os verbos auxiliares contribuem “para a formação de tempos compostos, para a formação de frases passivas, ou para veicular informação temporal, aspectual e modal”.

Os verbos auxiliares, antes da gramaticalização⁶ (o processo que converte um verbo pleno num verbo (semi) auxiliar), também são verbos plenos. Quando são adotados como auxiliares, perdem o seu estatuto de predador e a capacidade de selecionarem argumento; podem perder todo ou uma parte do seu sentido descritivo como, por exemplo:

- (1) a. A Francisca tem um livro novo. (o verbo pleno *ter* denota a posse do sujeito)
- b. A Francisca tem de comprar um livro novo. (o verbo auxiliar *ter (de)* denota a obrigação/necessidade)

Mas em alguns casos, não acontece qualquer perda de significado. É o caso dos verbos *começar (a)*, *continuar (a)* e *acabar (de)*. Por exemplo:

- (2) a. A Maria começou a trabalhar na empresa em 2011.
- b. O trabalho da Maria na empresa começou em 2011

⁴Veja-se a distinção em 1.2

⁵<http://dt.dge.mec.pt/>

⁶A gramaticalização, segundo Mendes (2013, p.249) é um processo progressivo e contínuo de passagem de certas unidades linguísticas de uma classe lexical para um classe gramatical ou de uma classe menos gramatical para uma mais gramatical. Este processo mudará a forma, funções ou valor semântico dessa unidade.

O auxiliar *começar* em (2a) e o pleno em (2b) marcam o início de uma situação.

Cunha e Cintra (1996) consideram que *ter*, *haver*, *ser* e *estar* são os auxiliares mais usados na língua portuguesa. Além disso, referem os auxiliares *ir*, *vir*, *andar*, *ficar*, *acabar*.

Raposo (2013) apresenta-nos uma lista dos verbos auxiliares baseando-se na sua contribuição para a oração em que ocorre:

- Auxiliar perfeito: *ter* (com o verbo seguinte no particípio passado);
- Auxiliar passivo: *ser* (com o verbo seguinte no particípio passado);
- Auxiliares temporais: *ir*, *haver (de)*;
- Auxiliares aspetuais: *estar (a)*, *andar (a)*, *chegar (a)*, *começar (a)*, *continuar (a)*, *ficar (a)*, *passar (a)*, *tornar (a)*, *voltar (a)*, *acabar (de)*, *deixar (de)*, *ir + gerúndio*, *vir + gerúndio*;
- Auxiliares modais: *poder*, *dever*, *ter (de/que)*, *haver (de)*.

1.2 Propriedades dos verbos auxiliares

Os verbos auxiliares, como já foi referido, podem funcionar como verbos plenos. Quando funcionam como verbos auxiliares, combinam-se com um verbo pleno, enfraquecem ou perdem o seu valor descritivo, e contribuem em valor temporal, modal ou aspetual para o verbo pleno. Esta combinação, semanticamente, reflete o fraco ou nulo conteúdo descritivo dos verbos auxiliares e sintaticamente, marca a coesão entre os dois verbos. Para distinguir entre verbos auxiliares e verbos plenos, existe uma série de propriedades que se baseiam na relação semântica e sintática dos verbos.

Como os verbos auxiliares perdem a sua componente semântica descritiva, perdem também a capacidade de selecionar argumentos que correspondam aos participantes da situação descrita. Por exemplo:

- (3) a. Nos últimos anos, o João tem comprado muitos carros.
- b. *Nos últimos anos, o gato tem comprado muitos carros.

Nos exemplos em cima, o verbo *ter* perde o seu poder de seleção do sujeito. A seleção do sujeito depende do verbo *comprar*.

Também não podem escolher o complemento direto, como, por exemplo:

- (4) a. *O Manuel pode cheirar a luz.
b. O Manuel pode ver a luz.

Nestas frases, pode ver-se que não existe nenhuma incompatibilidade entre o complemento direto *a luz* com o verbo *pode* mas com o verbo pleno *cheirar*. Só é semanticamente aceitável o verbo pleno *ver*. Pelo contrário, numa sequência de *Vpleno* + *Vpleno*, o primeiro verbo não perde a sua possibilidade de seleccionar argumentos, como se pode ver em:

- (5) a. O João quer terminar os exames o mais cedo possível.
b. *O cão quer terminar os exames o mais cedo possível.

A próxima propriedade é a impossibilidade de coocorrência com orações subordinadas finitas introduzidas pelo complementador *que*. Considera-se uma das propriedades mais importantes que permite decidir se um verbo é auxiliar. Por outra palavra, um verbo não pode ser auxiliar ou semiauxiliar se não a satisfaz. Por exemplo:

- (6) a. O Pedro tem lido vários livros científicos.
b. *O Pedro tem que ele leu vários livros científicos.

Pelo contrário, pode coocorrer com a maioria dos verbos plenos. Por exemplo:

- (7) a. O chefe mandou trabalhar os funcionários.
b. O chefe mandou que os funcionários trabalhassem.

A terceira propriedade dos auxiliares é a ausência de flexão do infinitivo, ou por outra palavras, na sequência *Vauxiliar* + *Vpleno*, o *Vpleno* não pode ser no infinitivo flexionado:

- (8) a. *Temos de comprarmos um carro novo. (que deve ser “Temos de comprar um carro novo.”)
b. *Vão terem muitos amigos novos na faculdade. (que deve ser “Vão ter muitos amigos novos na faculdade.”)

A impossibilidade de coocorrência com orações finitas e a impossibilidade de combinação com verbo no infinitivo flexionado são consideradas as condições mais fundamentais que um verbo auxiliar deve representar. Não há nenhuma exceção para estas propriedades.

A quarta propriedade é a ocorrência dos complementos pronominalizados em adjacência ao verbo auxiliar, ou seja, quando o complemento do verbo pleno de uma perífrase verbal é um pronome clítico, este pode ligar-se ao verbo auxiliar. Assim, pode-se dizer “Ela está a contar-me a história de São Martinho”, tal como “Ela está-me a contar a história de São Martinho”.

Existe uma exceção aparente a esta propriedade, que é a impossibilidade da posição enclítica do pronome no verbo auxiliar quando regem a proposição *de*. Diz-se “Tenho de lhe dizer a verdade antes de sair”, mas não **“Tenho-lhe de dizer a verdade antes de sair”*. Além disso, a subida do clítico também acontece com alguns verbos plenos, como o verbo *querer*. Pode-se dizer “Quero-vos apresentar a minha esposa”, tal como “Quero apresentar-vos a minha esposa”. Por isso, esta propriedade também não é suficiente para determinar se um verbo é auxiliar.

A propriedade que se segue é a correspondência entre frases ativas e passivas com perífrases verbais. Uma frase ativa transitiva contendo uma perífrase verbal tem uma equivalência semântica da sua contraparte passiva. Se não contar a diferença dos sintagmas nominais ou a perspetiva de apresentação da situação descrita, do ponto vista semântico, mas não discursivo-pragmático, são sinónimas uma frase ativa e uma frase passiva com perífrases verbais. Pode-se ver a sinonímia entre as frases seguintes:

- (9) a. A minha professora vai escrever um livro sobre os animais tropicais.
b. Um livro sobre os animais tropicais vai ser escrito pela minha professora.

Quando se passiviza uma frase com uma sequência *Vpleno finito + Vpleno infinitivo*, o resultado não é sinónimo da frase ativa. Por exemplo:

- (10) a. A Maria quer dizer a verdade ao Jorge.
b. *A verdade que ser dita ao Jorge pela Maria.

Os dois verbos em (10a) e (10b) são plenos, constituindo o núcleo de uma oração diferente. Os dois seleccionam argumentos. No primeiro caso, na frase ativa, o verbo *quer* selecciona *a Maria* como o

sujeito, e o *dizer* seleciona *a verdade* como o complemento direto. Na frase passiva, o verbo *quer* seleciona *a verdade* como sujeito, e já dá para concluir que o significado da frase muda.

No entanto, esta propriedade não é um critério suficiente para a auxiliaridade. Veja-se o caso do verbo pleno *parecer*. Quando combina com um verbo no infinitivo, a frase passiva mantém o mesmo significado básico da frase ativa correspondente, como se ilustra nos seguintes exemplos:

- (11) a. O Miguel parece plantar essas árvores.
b. Essas árvores parecem plantadas pelo Miguel.

A seguinte propriedade é a aceitação da construção passiva pronominal, ou seja, as frases com perífrases verbais admitem a construção passiva pronominal, concordando o verbo auxiliar com o complemento direto da frase ativa correspondente. Nestas frases, o pronome clítico *se* liga-se ao verbo auxiliar. Quando se formar uma oração passiva pronominal de uma frase ativa, o complemento direto da frase ativa vai tornar-se o sujeito na frase passiva, por exemplo:

- (12) a. Os moradores devem plantar mais árvores ao redor do prédio. (frase ativa)
b. Devem-se plantar/devem ser plantadas mais árvores ao redor do prédio. (frase passiva)

Ao contrário, tal como o que acontece com as passivas verbais, as frases complexas com as sequências *Vpleno finito* + *Vpleno infinitivo* não aceitam orações passivas pronominais semelhantes ao exemplo da frase passiva em cima. Por outra palavra, o pronome clítico *se* não pode ser ligado ao primeiro verbo pleno, concordando este com o complemento direto do segundo verbo da estrutura ativa correspondente. Por exemplo, não se pode transformar a frase ativa *Os moradores preferem plantar mais árvores ao redor do prédio* em **Preferem-se plantar mais árvores ao redor do prédio*. De facto, encontra-se uma construção com as sequências *Vpleno finito* + *Vpleno infinitivo* que aceita o pronome clítico *se* ligado ao primeiro verbo pleno. É o caso do *se* impessoal. Neste caso, o primeiro verbo pleno será na 3.^a pessoa do singular, ou seja, sem concordância com o complemento direto do segundo verbo pleno, por exemplo: *Prefere-se plantar mais árvores ao redor do prédio*. Praticamente, a maioria dos verbos auxiliares permitem a formação de orações passivas pronominais, menos o verbo auxiliar aspetual *ficar* e o auxiliar passivo *ser*. Ilustra-se pela impossibilidade de *Foram-se construídas casas de renda económica neste bairro*. O verbo auxiliar passivo *ser* e o pronome clítico *se* têm a mesma função, que aqui é a de converter uma oração ativa

numa oração passiva. Por este motivo, esta propriedade também não é considerada uma condição suficiente para a definição do estatuto de verbo auxiliar.

Uma outra propriedade é a incidência da negação sobre toda a perífrase verbal, ou seja, o advérbio *não* ocorre antes do verbo auxiliar, como se ilustra em:

- (13) a. O Jorge não tinha visitado a avó.
b. *O Jorge tinha não visitado a avó.
c. Os pratos ainda não foram lavados.
d. *Os pratos foram ainda não lavados.

Em frases com a sequência *Vpleno finito* + *Vpleno infinitivo*, o advérbio *não* pode-se colocar antes do primeiro verbo pleno ou antes do segundo verbo pleno. Embora, por causa de ambos serem o núcleo das duas orações diferentes, a negação de um ou outro verbo irá trazer resultados semânticos diferentes, por exemplo:

- (14) a. O Miguel não decidiu visitar os tios.
b. O Miguel decidiu não visitar os tios.

Na realidade, nem todas as perífrases verbais apresentam esta propriedade. É o caso das perífrases verbais modais: *poder*, *dever*, *ter (de/que)*, *haver (de)* + *inf.* e das que regem a proposição *a* (à exceção de *estar (a)* e *ficar (a)* + *inf.*). Em alguns casos, a colocação do advérbio *não* pode mudar o significado e o sentido da frase. Os exemplos seguintes ilustram esta exceção:

- (15) a. A Ana não pode saltar muito alto. (leitura interna ao participante, neste caso, pode-se entender que a Ana não é capaz de saltar muito alto).
b. A Ana pode não saltar muito alto. (leitura epistémica, é provável que a Ana não salte muito alto).

A última propriedade que se deve incluir na lista é a possibilidade de ocorrência com verbos impessoais em orações simples:

- (16) a. Está/começa/volta a chover.

- b. Pode/deve/tem de haver muitas flores na quinta.

Entretanto, não se pode combinar com verbos impessoais quando têm a leitura deôntica de autorização ou de imposição de obrigatoriedade. Na frase (16b), só pode ser interpretada como necessidade ou possibilidade.

Em síntese, a auxiliaridade representa as seguintes propriedades:

- 1) Não seleção de argumentos
- 2) Impossibilidade de combinação com verbo no infinitivo flexionado
- 3) Impossibilidade de coocorrência com orações completivas finitas
- 4) Subida do pronome clítico
- 5) Sinónima entre uma frase ativa transitiva com a sua contraparte passiva
- 6) Aceitação da construção passiva pronominal
- 7) Incidência da negação sobre toda a perífrase verbal
- 8) Possibilidade de ocorrência com verbos impessoais

Baseando nas propriedades mencionadas, Raposo (2013) distingue verbos auxiliares e verbos semiauxiliares. Segundo o autor, consideram-se verbos auxiliares se satisfazem conjuntamente todas as propriedades alistadas:

- *estar (a)*
- *ficar (a)*
- *ir + inf.*
- *ser + pp*
- *ter + pp*
- Verbos auxiliares aspetuais que regem a preposição “*de*” ou que seleccionam o gerúndio: *acabar (de)*, *deixar (de)*, *ir + gerúndio*, *vir + gerúndio*

Classificam-se como semiauxiliares os verbos que não satisfazem uma propriedade qualquer das (1), (7) e (8):

- Verbos aspetuais que regem a preposição “a”: *andar (a)*, *chegar (a)*, *começar (a)*, *continuar (a)*, *passar (a)*, *tornar (a)*, *voltar (a)*
- Verbos modais: *dever*, *ter (de)*, *poder*, *ter (de/que)*

Aqui, neste relatório, usa-se “verbos auxiliares” ou “auxiliares” para tratar ambos auxiliares e semiauxiliares.

2. Perífrases verbais em português

2.1 Definições das perífrases verbais

Raposo (2013, p.1225) define perífrase verbal como “combinação de um ou mais verbos auxiliares com um verbo pleno”. Nota-se que o termo “perífrase verbal” é equivalente a “construção perifrástica”.

Como define Barroso (1994):

... uma perífrase verbal (= gramatical) é uma construção que reúne, quase sempre, duas formas verbais: uma flexionada (morfemas de tempo, modo, voz, pessoa e número) e outra não flexionada (infinitivo, gerúndio ou particípio), constituindo um verdadeiro sintagma verbal, semântica, paradigmática e sintagmaticamente delimitado, e uma unidade constante aos níveis da norma e do sistema e que tem por função expressar uma modalidade, ou seja, um valor sistemático de natureza ou modal, ou temporal, ou aspetual, ou diatética. (Barroso 1994: 71)

Tratando da mesma combinação, Cunha e Cintra (1996) chamam-lhe “locução verbal” em que apenas se conjuga o auxiliar e o verbo principal que se segue vem no gerúndio, no infinitivo impessoal ou no particípio. Os verbos auxiliares podem seleccionar o gerúndio ou o infinitivo no verbo seguinte, mas a maioria dos verbos auxiliares rege uma das preposições *a* ou *de* e depois, rege o verbo seguinte na forma infinitiva.

Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz (1971, p.429), na sua gramática, também tratam da “combinação de um verbo que perdeu o seu sentido próprio para se converter em auxiliar com o infinitivo (precedido ou não duma preposição ou da conjunção *que*), gerúndio ou

particípio de outro verbo cujo significado precisa ou modifica” e definem-no como “conjugação perifrástica”.

Quer se chame “locução verbal” quer se chame “conjugação perifrástica”, está a tratar-se da sequência *Vauxiliar + Vpleno na forma infinita*, na qual o verbo auxiliar perde o seu contributo descritivo mas expressa os valores do tempo, do aspeto ou da modalidade. Trata-se da perífrase verbal esta sequência, neste relatório.

2.2 Formalização das perífrases verbais

Uma perífrase verbal pode conter mais de um verbo auxiliar mas tem apenas um verbo pleno, o qual constitui o elemento central da frase. Aqui trata-se das perífrases verbais como complexas, se tiverem mais de um auxiliar, e simples se tiverem só um auxiliar. Em Raposo (2013), o autor usa a notação *Verbo auxiliar + ... + Verbo pleno* para descrever uma perífrase verbal. Pode-se ver que, numa perífrase verbal, o verbo pleno é o último da sequência. Entre os verbos auxiliares e o verbo pleno pode aparecer ou não preposição. Quando a oração em que ocorre a perífrase verbal é finita, o primeiro auxiliar será flexionado (tempo/modo/pessoa/número), os seguintes auxiliares (nas perífrases verbais complexas) que aqui se apresentam por “...” e o verbo pleno estão na forma infinita como infinitivo, gerúndio ou particípio. Por exemplo:

- (17) a. A Maria está a descansar no quarto.
b. Eles podem ter desejado sair mais cedo do emprego.

Porém, se a oração que contém a perífrase verbal é infinitiva ou gerundiva, o primeiro verbo da sequência será no infinitivo ou no gerúndio. Por exemplo:

- (18) a. O embaixador desejava ter continuado a ser recebido no palácio real.
b. Tendo continuado a ser recebido no palácio real, o embaixador sentia-se importante.

Raposo (2013) também propõe algumas generalizações no que diz respeito à ordem dos verbos auxiliares, que são:

- 1) a impossibilidade de coocorrência dos verbos auxiliares temporais com o auxiliar perfeito *ter + pp*, por exemplo:

- (19) a. *Vou ter comprado muitos livros de português.

- 2) apenas possível a ocorrência dos verbos auxiliares na primeira posição de uma perífrase verbal
- (20) a. *A Maria tem de ir tomar muitos medicamentos.
b. A Maria vai ter de tomar muitos medicamentos.
- 3) a impossibilidade de interpretação epistêmica de um verbo modal se este verbo não fica na primeira posição de uma perífrase verbal
- (21) a. O Pedro pode não sair de casa esta noite. (interpretação epistêmica, é possível que o Pedro não saia da casa)
b. O Pedro não vai poder sair de casa esta noite. (leitura deôntica de obrigação, o Pedro vai ter de ficar em casa)
- 4) a possibilidade de ocorrência na primeira posição de uma perífrase, depois de outro auxiliar modal e depois de um auxiliar temporal dos verbos modais
- (22) a. O Pedro pode estar a estudar na sala de estar.
b. O Pedro deve ter de estudar na sala de estar.
c. O Pedro vai ter de estudar na sala de estar.

O mesmo autor apresenta dois esquemas que considera “esquemas gerais de ordenação dos verbos auxiliares” nas perífrases verbais que têm mais de um verbo auxiliar (Raposo 2013, p.1281):

- 1) *modal₁ + (modal₂) + perfeito + (modal₂) + aspetual + (modal₂) + passivo*
- 2) *temporal + (modal₂) + aspetual + (modal₂) + passivo*

No primeiro esquema, pode-se entender que o verbo “modal₁” representa a única posição em que o verbo modal pode ter a leitura epistêmica. E nos dois esquemas, representa-se o auxiliar passivo no último lugar. O autor ilustra os esquemas pelos exemplos seguintes:

- (23) a. As casas devem ter podido continuar a ser vendidas.
b. As casas vão continuar a poder ser vendidas.

Barroso (1994) refere quatro tipos formais das perífrases verbais simples.

- 1) *Verbo auxiliar + participípio (do tipo estar + participípio)*
- 2) *Verbo auxiliar + gerúndio (do tipo ir + gerúndio)*

3) *Verbo auxiliar + infinitivo (do tipo ir + infinitivo)*

4) *Verbo auxiliar + preposição + infinitivo (do tipo estar a + infinitivo)*

E nas perífrases complexas, depende do número dos auxiliares, temos as sequências equivalentes:

1) *Verbo auxiliar (flexionado) + verbo auxiliar (infinitivo, gerúndio ou particípio) + infinitivo, gerúndio ou particípio (do verbo pleno)*

(24) a. A Mariana deve estar a dormir em casa esta noite.

2) *Verbo auxiliar (flexionado) + verbo auxiliar (infinitivo, gerúndio ou particípio) + verbo auxiliar (infinitivo, gerúndio ou particípio) + infinitivo, gerúndio ou particípio (do verbo pleno)*

(25) a. Este deputado devia voltar a ser eleito.

2.3 Os tipos de perífrases verbais

Numa perífrase, os verbos auxiliares e o verbo pleno funcionam como se fossem um verbo único mesmo que tenham diferentes funções. O verbo pleno inclui em si a componente descritiva; quanto aos verbos auxiliares, expressam os valores temporais, modais e aspetuais. Depende da combinação do verbo pleno com determinado tipo de verbo auxiliar, temos as perífrases verbais equivalentes.

2.3.1 As perífrases verbais aspetuais

Os verbos auxiliares que integram neste tipo de perífrase verbal são os auxiliares aspetuais, estes têm função de representar a repetição de um evento ou focalizar os diferentes momentos internos de uma situação, como por exemplo: o começo, o final, a continuação ou a mudança de um estado para outro.

Baseando nos estudos e gramáticas de Mateus (2004) e Longo e Campos (2002), esta categoria inclui os seguintes valores: incetivos, ingressivos, cursivos, progressivos, permansivos, habituais, interativos, cessativos, resultativos e perfectivos.

- Verbos auxiliares incetivos

São os verbos que marcam o estado inicial de um evento: *começar (a)*. Forma perifrástica: *começar a + inf.*

(26) a. Começamos a trabalhar na próxima semana.

- Verbos auxiliares ingressivos

São os verbos que descrevem o começo de um estado que é o resultado de uma mudança de outro estado: *começar (a)*, *ficar (a)*, *passar (a)*. Forma perifrástica: *começar a + inf.*, *ficar a + inf.*, *passar a + inf.*

(27) a. Começou a trabalhar depois de receber os melhores conselhos dos professores.

b. Depois de receber os conselhos dos professores, ficou a trabalhar sem descansar.

- Verbos auxiliares cursivos

São os verbos que marcam a faz intermédia de um evento sem considerar o seu início, fim ou progressão: *continuar (a)*, *estar (a)*. Forma perifrástica: *continuar a + inf.*, *estar a + inf.*

(28) a. Continua a trabalhar sem falar com ninguém.

b. Está a comer uma maçã.

- Verbos auxiliares progressivos

Os auxiliares progressivos apresentam um evento em desenvolvimento: *estar (a)*, *vir*. Forma perifrástica: *estar a + inf.*, *vir + gerúndio*.

(29) a. Está a estudar desde hoje de manhã.

b. O João vem procurando o cão dele há semanas.

- Verbos auxiliares permansivos

Estes verbos indicam o estado estável de um evento durante um tempo subsequente: *ficar (a)*. Forma perifrástica: *ficar a + inf.*

(30) a. A Maria ficou a trabalhar durante o verão.

- Verbos auxiliares habituais

São os verbos que representam uma duração descontínua e ilimitada de um evento: *costumar* (a). Forma perifrástica: *costumar + inf.*

(31) a. Costumo tomar banho à noite.

- Verbos auxiliares iterativos

Estes verbos indicam a repetição de um evento dentro de um limitado espaço de tempo: *andar* (a), *tornar* (a), *voltar* (a). Forma perifrástica: *andar a + inf.*, *tornar a + inf.*, *voltar a + inf.*

(32) a. O João anda a estudar português na Faculdade de Letras.

b. Depois de fazer dieta, a Maria voltou a comer muito.

c. Depois de fazer dieta, a Maria tornou a gostar mais de comer vegetais.

- Verbos auxiliares cessativos

Estes verbos marcam a finalização de uma situação: *acabar* (de), *deixar* (de). Forma perifrástica: *acabar de + inf.*, *deixar de + inf.*

(33) a. Acabou de chover.

b. A Ana deixou de fumar depois de ter o primeiro filho.

- Verbos auxiliares resultativos

São os verbos que assinalam a consequência ou o resultado final de um evento: *acabar* (por). Forma perifrástica: *acabar por + inf.*

(34) a. A Maria acabou por ser a chefe do departamento de vendas.

- Verbos auxiliares perfeitos (ou perfetivos)

Os verbos auxiliares perfeitos indicam que todas as fases de um evento se completam dentro do intervalo de tempo compreendido pelo evento: *ter*, *haver*. Forma perifrástica: *ter + pp.*, *haver + pp.*

(35) a. O João já tinha comido o bolo quando eu entrei.

b. A Maria havia completado 10 anos quando o avô morreu.

2.3.2 As perífrases verbais temporais

Os verbos auxiliares que ocorrem nas perífrases verbais temporais têm função de interpretação temporal. Dependendo da maneira como são conjugados, os verbos auxiliares exprimem tempos diferentes em relação ao momento de enunciação ou ao momento de referência.

As perífrases verbais descrevem o passado relativamente ao momento de enunciação ou ao momento de referência: *ter + pp*, *haver + pp*.

- (36) a. O Paulo tinha ido para a escola quando cheguei a casa.
- b. A Francesca havia acabado o curso de português para estrangeiros antes de voltar para Itália.

As perífrases verbais descrevem a futuridade relativamente ao momento de enunciação ou ao ponto de referência: *ir + inf.*, *haver de + inf.*

- (37) a. Vou trabalhar em Angola no ano que vem.
- b. Hei de ir ao Brasil quando tiver dinheiro.

A perífrase verbal *estar a + inf.*, além de ser aspetual, tem também um valor temporal de presente semântico que exprime o tempo coincidente com o momento de enunciação.

- (38) a. A Teresa está a ler deitada na cama.

2.3.3 As perífrases verbais modais

As perífrases verbais modais expressam a atitude modal do locutor relativamente a um enunciado ou aos participantes do discurso. Representam-se os valores epistémico ou deontico.

As perífrases verbais modais correntes do português incluem: *dever + inf.*, *ter de + inf.*, *poder + inf.*

- (39) a. O João deve estar doente por causa da mudança climática.
- b. A Maria tem de entregar todos os trabalhos de casa neste fim de semana.
- c. O Paulo não pode sair de casa porque está a chover.

3. Algumas perífrases verbais mais frequentemente usadas do português

A seleção das perífrases verbais em análise é por causa da sua frequência de presença nos estudos e gramáticas da língua portuguesa. Também são as perífrases verbais muito frequentemente empregadas do português em todas as situações do quotidiano. Além disso, apresentarei apenas uma análise breve acerca das propriedades semânticas dos verbos auxiliares nas perífrases verbais, que são consideradas adequadas e podem ser lecionadas aos alunos do nível A1.2⁷. O critério usado para selecionar estas e não outras foi o da utilidade que o seu estudo tem para quem vai ensinar alunos de nível A1.2 do QECR, como era o meu caso no ano de estágio.

3.1 Estar a + infinitivo

A perífrase verbal *estar a + inf.* é uma das perífrases verbais mais empregadas em português europeu. A sua característica progressiva, segundo Mateus (2004) é “a de duração e a de incompetência”. Na gramática de Cunha & Cintra (1996), a função principal desta perífrase verbal é indicar uma ação durativa e continuada, que de acordo com a explicação de Teyssier (1989), “está em curso” e “é encarada no seu desenrolar”. Segundo Raposo (2013, p.1268), o uso principal da *estar a + inf.* é “focalizar a fase intermédia de uma situação na sua progressão ou decurso”. Esta perífrase pode exprimir:

- (40) a. Um estado faseável⁸: A Maria está a viver em Lisboa.
- b. Um processo⁹: O cão está a correr.
- c. Um processo culminado¹⁰: Estou a ler uma obra de Mark Twain.
- d. Uma culminação¹¹: O João está a chegar.
- e. Um ponto¹²: A Ana está a desligar o computador.

⁷ Analisam-se principalmente as perífrases verbais quando os seus verbos auxiliares estão no Presente do Indicativo e Pretérito Perfeito e Imperativo como se pede no programa proposto do curso. Veja-se no anexo I.

⁸ Os estados faseáveis, segundo Cunha (2006, 2013), podem ser convertidos em processos e combinar com traços denotadores de dinamicidade.

⁹ De acordo com Cunha (2013, p.600), os processos são situações homogêneas, durativas e atéticas. Podem ser divididas sem alteração das suas propriedades básicas e prolongar-se num intervalo de tempo sem contemplarem um ponto terminal intrínseco

¹⁰ Os processos culminados são eventos télicos e heterogêneos que contemplam um ponto terminal. (Cunha 2013, p.601)

¹¹ As culminações são as situações de natureza pontual, não durativa e télicas. (Cunha 2013, p.602)

Quando o verbo auxiliar está no presente do indicativo, o intervalo temporal pode ser aberto e prolongado, por exemplo em: *O Paulo está a estudar muito*. Pelo contrário, quando o verbo auxiliar ocorre no pretérito perfeito simples, o intervalo temporal deve ser fechado, como, na frase: *A Juliana esteve a jogar futebol durante uma hora*.

No presente do indicativo *estar a + inf.* pode ser usada com um valor pontual de presente semântico simultâneo com a enunciação. Este valor pode ser simplesmente subentendido na frase ou ser exprimido através da presença de adjuntos adverbiais de localização temporal adequados como *agora* ou *neste momento*, por exemplo:

- (41) a. A Joana agora *está a realizar* os exercícios de casa.
b. O Pedro neste momento *está a tomar* o pequeno-almoço.

3.2 Andar a + infinitivo

Andar a + inf. tem também valor progressivo como *estar a + inf.* Estes dois verbos podem aproximar-se por não focalizarem o início nem o fim da situação, mas a parte intermédia da situação. No entanto, *andar a + inf.* traduz uma ação durativa e repetitiva. Pode-se ver a diferença entre as duas perífrases:

- (42) a. A Maria *está a tomar* medicamentos. (neste momento).
b. A Maria *anda a tomar* medicamentos. (Começou a tomar medicamentos há anos/meses e continua).

3.3 Começar a + infinitivo

Começar a + inf. é utilizada para marcar o início de uma situação durativa. Aplica-se a estados faseáveis, aos pontos, a processos e a processos culminados:

- (43) a. O João *começou a viver* em Lisboa. (estado faseável)
b. O cão *começou a correr*. (processo)
c. O João *começou a tomar* banho. (processo culminado)

¹²Os pontos são situações não durativas e atéticas. (Cunha 2013, p.603)

Para que se possa aplicar a pontos, a situação deve ser subentendida ou descrita através dos adjuntos adverbiais de localização temporal adequados ou no início de uma ação repetitiva, por exemplo:

- (44) a. O João começou a espirrar (desde ontem/ao meio-dia).

3.4 Continuar a + infinitivo

Tal como *estar a + inf.*, *continuar a + inf.* focaliza a fase intermédia de uma situação. Perspectiva o prolongamento ou a continuidade da situação que deve ser durativa. Aplica-se a estados faseáveis e não faseáveis¹³, a processos e a processos culminados, por exemplo:

- (45) a. O Pedro continua a tomar o pequeno-almoço. (processo culminado)
b. O cão continua a correr. (processo)
c. A Maria continua a ser magra. (estado não faseável)
d. A Maria continua a viver em Lisboa. (estado faseável)

Não se aplica aos pontos e às culminações, por exemplo:

- (46) a. # A Maria continua a espirrar. (ponto)
b. # O João continua a marcar golos. (culminação)

Embora, se exprimir uma repetição ou hábito, sejam aceitáveis, como por exemplo:

- (47) a. A Maria continua a espirrar (mesmo depois de ter tomado o remédio contra a alergia).
b. O João continua a marcar golos (durante jogos).

Por vezes, esta perífrase verbal introduz uma inferência pragmática por parte do falante de que esta já devia ter acabado ou devia acontecer uma suspensão antes. Como no exemplo (47a), a Maria já não devia continuar a espirrar (era previsível que tivesse deixado de espirrar), porque tomou o remédio, mas continua.

¹³Os estados não faseáveis não manifestam as características dos estados faseáveis.

3.5 Acabar de + infinitivo

A função principal da acabar de + infinitivo é a de marcar a conclusão ou a finalização de uma situação. Aplica-se a processos culminados e processos:

- (48) a. O cão acabou de correr. (processos)
b. O João acabou de escrever o relatório na semana passada. (processo culminado)

Além disso, também é utilizada para indicar uma ação recém-concluída, em que é possível aplicar-se a pontos:

- (49) a. O João acabou de espirrar.

3.6 Ir + infinitivo

A perífrase verbal *ir + infinitivo*, nas frases simples no presente do indicativo, exprime futuridade relativamente ao momento da enunciação. Neste caso, o momento da enunciação é o momento de referência.

- (50) a. Vou visitar os meus avós.
b. Vai chover.

Alguns autores consideram esta futuridade como “futuro imediato” (Teyssier, 1989) ou “futuro próximo” (Cunha & Cintra, 1996). Porém, é difícil definir o “imediato” ou “próximo” aqui. Por exemplo na frase “Vou visitar os meus avós”, a perífrase pode exprimir “o firme propósito” (Cunha & Cintra, 1996) de “visitar os avós”, mas pode ser “daqui a alguns minutos” ou “daqui a cinco anos”.

Quando ocorre na oração subordinada de uma frase complexa, a perífrase exprime futuridade relativamente ao tempo da oração principal. Neste caso, o tempo da oração principal é o ponto de referência.

- (51) a. A Maria diz que vai visitar os seus avós no Verão.
b. Pensamos que ia chover, e choveu mesmo.

Além de exprimir futuridade, esta perífrase no presente do indicativo pode expressar ordem atenuada¹⁴, como se ilustra em:

- (52) a. Vamos terminar a aula hoje aqui!
- b. Vamos começar a ouvir o diálogo!

3.7 Haver de + infinitivo

Haver de + inf., no presente do indicativo, exprime forte intenção ou convicção ou desejo do falante relativamente a ações ou factos futuros, por exemplo:

- (53) a. Hei de ir ao Porto em Junho para ver o São João.

Esta perífrase verbal, de acordo com Teyssier (1989), cada vez “perde terreno a favor de *ter de* e *dever*”. Ou por outras palavras, perde a leitura deôntica de obrigação e alia mais à leitura temporal de futuridade e à leitura modal desiderativa. No entanto, ainda há vários especialistas que continuam a estudar o valor modal deôntico de obrigação desta perífrase verbal¹⁵.

3.8 Ter de + infinitivo

A perífrase verbal *ter de + infinitivo* é utilizada, principalmente, para exprimir a modalidade deôntica de obrigação e a modalidade externa aos participantes, por exemplo:

- (54) a. Tens de lavar as roupas antes do jantar. (o falante impõe como obrigação)
- b. Tem de se organizar mais atividades culturais na nossa cidade. (é uma circunstância externa que impõe a necessidade de organizar mais atividades culturais)

Também se encontram com frequência a leitura epistémica de possibilidade e a leitura de necessidade interna ao participante, por exemplo:

- (55) a. Tens de estar cansado depois de acabar os exames finais. (é provável que estejas cansado)

¹⁴Silva (2012) no seu estudo trata *ir + inf.* como “sobreposição modal” ter as leituras epistémicas de certeza e de possibilidade e a leitura deôntica de obrigatoriedade e de ordem.

¹⁵Para um estudo mais desenvolvido, veja-se Oliveira (2013) e Raposo (2013).

b. Os diabéticos têm de cortar no açúcar das suas refeições para que tenham uma melhor saúde. (necessidade interna)

É frequente encontrar a forma *ter que + inf.* com a mesma leitura, no entanto, esta forma é considerada menos normativa e menos formal. (Oliveira, 2013)

3.9 Dever + infinitivo

O uso da perífrase verbal *dever + infinitivo* é muito semelhante ao da *ter de + infinitivo*, uma vez que esta perífrase também exprime modalidade deôntica¹⁶, epistémica¹⁷, externa aos participantes¹⁸ e interna aos participantes¹⁹:

(56) a. Deve lavar as roupas antes do jantar. (modalidade deôntica de obrigação)

b. Deve se organizar mais atividades culturais na nossa cidade. (uma circunstância externa que impõe a necessidade de organizar mais atividades culturais)

c. Deves estar cansado depois de acabar os exames finais. (é provável que estejas cansado)

d. Os diabéticos devem cortar no açúcar nas suas refeições para que tenham uma melhor saúde. (necessidade interna)

3.10 Poder + infinitivo

Esta perífrase verbal apresenta quatro leituras: interna ao participante, externa aos participantes, deôntica de permissão e epistémica:

(57) a. A Maria pode trabalhar sem descansar durante horas. (O verbo *poder* tem uma interpretação de capacidade interna, significando *é capaz de*)

¹⁶ Segundo Oliveira & Mendes (2013, p.624), a modalidade deôntica “tem a ver com atos de permissão ou autorização e de imposição uma obrigação envolvendo participantes na situação descrita.”

¹⁷ A modalidade epistémica exprime graus de certeza ou avaliação da probabilidade acerca do conteúdo proposicional da frase. (Oliveira & Mendes, 2013, p.623).

¹⁸ O valor modal externo aos participantes tem a ver com a expressão da possibilidade ou necessidade de um determinado acontecimento não controláveis pelos participantes. (Oliveira & Mendes, 2013, p.624).

¹⁹ O valor modal interno aos participantes tem a ver com a expressão da capacidade ou necessidade interna, psicológica ou física dos participantes. (Oliveira & Mendes, 2013, p.623).

b. Podem apanhar o autocarro número 204 para chegar ao Hospital de São João. (É uma circunstância que impõe a escolha de número 204.)

c. Pode sair só quando acabar o jantar. (O falante autoriza.)

d. A Ana pode estar na faculdade esta hora. (É possível que a Ana esteja na faculdade.)

Muito mais haveria a dizer sobre perífrases verbais em português, dado que esta língua utiliza, com muita malabilidade, este recurso linguístico, de modo a poder transmitir nuances aspetuais e verbais muito finas e subtis. Mas, para o presente relatório, interessou-nos apenas fazer um resumo das principais e mais frequentes, dado que foram aquelas que usamos nas aulas de estágio que lecionamos e das quais se fará, seguidamente, um relatório crítico.

Parte II. Enquadramento prático

1. O estágio pedagógico

1.1 Caracterização das turmas

As duas turmas eram constituídas por alunos estrangeiros que frequentavam o nível A1.2, no primeiro semestre e no segundo semestre do ano letivo 2014-2015, no Curso Anual de Português para Estrangeiros da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A maioria dos alunos destas turmas era estudante universitário e os restantes eram trabalhadores e imigrados em Portugal. A maioria dos alunos, além da língua materna, dominava também o inglês.

1.1.1 A primeira turma:

Esta turma tinha dezanove alunos que vieram da Alemanha, Argélia, Bélgica, Bielorrússia, China, Espanha, Filipinas, Itália, Perú e Suíça. Eram oito do sexo masculino e onze do sexo feminino. As línguas maternas dos alunos eram alemão, árabe, bielorrusso, chinês, espanhol, russo, italiano, neerlandês, catalão, lituano e filipino. A média de idades dos alunos era mais de 20. Foram realizadas 3 regências nesta turma: Regência 0²⁰, Regência 1 e Regência 2.

1.1.2 A segunda turma

A segunda turma tinha dezasseis alunos originários da Venezuela, Espanha, Itália, Alemanha, Rússia, Eslováquia, Timor Leste, Síria, Camboja e China. As línguas maternas dos alunos eram espanhol, italiano, alemão, russo, eslovaco, tetum, árabe, inglês, cambojano e chinês. Os alunos eram dois do sexo masculino e quatorze do feminino, todos considerados adultos, com idades compreendidas entre os 20 e 45 anos.

1.2 Seleção das perífrases verbais lecionadas nas aulas

Nas primeiras aulas do estágio, com a ajuda da professora orientadora, tive oportunidade de observar e detetar as dificuldades e as lacunas dos alunos através das produções orais deles. Como os alunos eram do nível inicial, não tinham vocabulário suficiente para exprimir o que queriam dizer. Notei que encontraram dificuldade em exprimir o aspeto verbal, sobretudo os valores como

²⁰Regência experimental, não sujeita a avaliação, tem como objetivo ser o primeiro contacto com o ensino de PLE da professora estagiária

durativo, ingressivo. Também não sabiam expressar as situações que têm valores modais de obrigação, necessidade e possibilidade. Alguns alunos usaram algumas perífrases verbais como *querer + infinitivo*, *ir + infinitivo* e *estar a + infinitivo*, no entanto, as preposições foram utilizadas mal. Podia ser por causa da influência da língua materna, disseram *ir a + infinitivo* ou *estar + infinitivo*. Destas lacunas, propus-me trabalhar as perífrases verbais. A minha expectativa principal era ajudar os alunos a enriquecer o seu vocabulário e a melhorar a descrição e expressão na língua portuguesa.

Dado o nível inicial de proficiência linguística dos alunos, escolhi as perífrases que são utilizadas com muita frequência no dia a dia. As perífrases verbais escolhidas foram *andar a + inf.*, *acabar de + inf.*, *começar a + inf.*, *continuar a + inf.*, *dever + inf.*, *estar a + inf.*, *haver de + inf.*, *ir + inf.*, *poder + inf.* e *ter de + inf.*

Note-se que, nas regências que lecionei, não trabalhei apenas o tópico perífrases verbais. Todas as competências foram contempladas e vários temas gramaticais ensinados. Mas, para não perder o foco deste relatório, darei mais espaço, no relato e na reflexão, aos momentos em que, nas aulas, trabalhei, concretamente, as perífrases referidas no parágrafo anterior.

2. Descrição das unidades didáticas

2.1 Tipologia das atividades aplicadas

Como sabemos, os verbos auxiliares perdem ou diminuem a sua contribuição para o conteúdo descritivo nas perífrases verbais e um verbo auxiliar na mesma forma de perífrase verbal pode exprimir mais de um valor modal (por exemplo, o caso do verbo *poder*), portanto, é melhor explicar a utilização delas através do contexto em que são utilizadas. Produzi todos os materiais das unidades didáticas segundo temas. Os temas escolhidos são os temas requeridos no programa de ensino do nível A1.2 do Curso Anual de Português para Estrangeiros da Faculdade de Letras da Universidade do Porto²¹. Com cada tema, propus atividades em que pude inserir os contextos adequados para as diferentes perífrases. Numa unidade didática, propus-me trabalhar não só o funcionamento de língua mas também praticar todas as competências linguísticas como compreensão oral e leitura, e produção oral e escrita.

²¹Veja-se no anexo I

Para a compreensão e produção oral, usei atividades como a interação oral, dramatização e audição. A estratégia mais usada durante as aulas foi a de interação oral entre a professora estagiária e os alunos. As aulas costumavam iniciar-se por um diálogo breve. Esta etapa foi uma maneira de rever as aulas anteriores e recordar conhecimentos prévios dos alunos. Verificá-los-ia e modificaria a planificação das aulas se fosse necessário. Aproveitei este diálogo para conhecer os alunos e criar um ambiente mais confortável na sala de aula. Através do diálogo, queria motivar a aprendizagem dos alunos. Durante a aula, os diálogos curtos continuaram a ser realizados entre a professora e os alunos e dos alunos entre si. Esta interação oral também foi uma estratégia útil para os alunos desenvolverem as suas competências de produção e compreensão orais. Além disso, depois de cada conversa, os alunos acabariam por se conhecer melhor e conhecer também outras culturas.

Uma outra técnica utilizada para melhorar e avaliar a competência de produção oral foi a dramatização. A dramatização na aula é uma componente lúdica que ajuda os alunos a tornarem-se mais abertos e a ganharem confiança em si. De acordo com Arroyo (2003), a dramatização é uma atividade lúdica que tem como objetivo a representação de papéis e a caracterização de personagens e permite aos alunos desenvolverem várias capacidades, como por exemplo, a criatividade, a expressividade e a autoconfiança, entre outras. Como foi realizada pelos alunos em grupo, a realização deste tipo de trabalho traz ainda mais vantagens, permitindo aos alunos desenvolverem tanto as capacidades sociais como a capacidade de colaborar com outras pessoas ou de resolver problemas. Long e Porter (1985) referem que há, pelo menos, cinco argumentos pedagógicos para o uso de trabalho em grupo na aprendizagem de uma segunda língua, que são: aumentar a oportunidade de prática da língua, melhorar a qualidade da expressão oral, individualizar a instrução, promover um efeito positivo no ambiente de trabalho e estimular os alunos. Nas atividades de dramatização, os alunos tiveram de simular uma conversa ou uma situação, usando as perífrases verbais exigidas. A conversa e a situação foram relativas ao tema da unidade didática. Quando souberam o contexto em que as perífrases verbais seriam utilizadas, foi mais fácil para eles aplicarem-nas. Além disso, durante o tempo de preparar as dramatizações, os alunos receberam o apoio da professora estagiária para completar e melhorar as suas tarefas.

Na atividade de audição, os alunos tiveram de ouvir os textos/diálogos lidos pelos falantes nativos das várias idades e géneros. As tarefas colocadas foram preencher os espaços ou responder às perguntas. Queria que os alunos tivessem mais contacto com vários tipos de pronúncia, tom e sotaque. As perífrases verbais também foram colocadas nos textos ou diálogos produzidos pela professora estagiária.

Os textos de compreensão oral também foram aproveitados para a compreensão de leitura. Foi pedido aos alunos para responderem às perguntas ou explicarem as expressões e perífrases verbais usadas nos textos. Para completar estas tarefas, os alunos costumavam ter um tempo para realizar a leitura silenciosa. Durante a leitura silenciosa, os alunos puderam fazer resumos, tirar conclusões, observar pormenores e formular julgamentos. Tiveram tempo suficiente para se concentrar em conteúdo do texto e perceber o contexto e, por vezes, a utilização das perífrases verbais nos contextos.

Para a produção escrita, costumava propor atividades que exigiam dos alunos a reconstrução de frases ou escreverem um texto de acordo com o tema de cada unidade didática. Estas atividades foram realizadas tanto na aula quanto fora da aula, através dos trabalhos de casa. Dependendo do tema da unidade letiva, dei aos alunos uma situação e os alunos deviam criar contexto adequado para a utilização das perífrases verbais pedidas.

2.2 Descrição das unidades didáticas

As descrições que se seguem só se concentram nas atividades que têm a ver com as perífrases verbais.

2.2.1 Primeira unidade didática

A primeira unidade didática, cujo tema é sobre as partes de uma casa, decorreu no dia 19 de janeiro de 2015, com a primeira turma. Nesta unidade didática, os alunos não só aprenderam vocabulário sobre as partes da casa mas os usos das perífrases verbais como *dever + inf.*, *haver de + inf.* e *ir + inf.*, e *ter de + inf.*, através das atividades que permitiram desenvolver as competências de compreensão escrita, leitura e produção oral.

Para começar a aula, promovi um diálogo curto entre a professora estagiária e os alunos, cujo tema, relativo à acomodação dos alunos no Porto, foi realizado. Aproveitando o tema que estava a ser discutido, a professora estagiária abriu e ligou ao tema da aula. Em primeiro lugar, verificou-se o conhecimento prévio dos alunos sobre as partes de casa através das perguntas. Seguidamente, tendo por base as respostas dos alunos, a professora estagiária continuou a fornecer-lhes vocabulário novo.

Depois do primeiro momento, a professora estagiária distribuiu aos alunos uma ficha de trabalho²². A primeira tarefa que os alunos tiveram de realizar foi ler um diálogo entre dois amigos sobre a mudança de casa e responder às perguntas que se seguiram. A leitura deste diálogo foi feita da forma faseada. Depois de alguns minutos de os alunos lerem em silêncio e em voz alta e de a professora estagiária corrigir a pronúncia dos alunos, o conteúdo foi discutido pelos alunos sob a orientação da professora estagiária. A professora estagiária explicou também as dúvidas que foram surgindo sobre o significado das palavras e as regras de gramática usadas no diálogo.

Posteriormente, os alunos responderam as perguntas que se seguiram ao diálogo. A primeira pergunta foi: “Quais são as expressões e verbos usados no diálogo para exprimir o futuro?” e foi respondida com a colaboração da toda turma. A maioria dos alunos reconheceu as expressões, que são formadas pela perífrase verbais *ir + infinitivo*, como “vou mudar”, “vou comprar” ou “vais mudar”.

A segunda pergunta foi: “Qual é a diferença entre o verbo *haver* em “não há muito trânsito”, “há um pátio grande” e o verbo *haver* em “hei de ir?”. Os alunos perceberam que o verbo *haver*, quando funciona como verbo pleno, em “não há muito trânsito” quer dizer “não ocorre muito trânsito” e em “há um pátio grande” significa “existe um pátio grande”. No entanto, não souberam o que queria dizer “hei de ir”. A professora estagiária explicou o uso do verbo *haver* quando funciona como verbo auxiliar na perífrase verbal *haver de + inf.* Depois de explicar o uso de *haver de + inf.*, apresentou-se a conjugação do verbo *haver* no presente do indicativo. Notou-se que o verbo *haver* quando exprime a existência ou ocorrência, apenas se conjuga na 3ª pessoa do singular.

A terceira pergunta foi “ Qual é o uso de *dever + infinitivo* em “devem fazer churrascos frequentemente” e *ter de + infinitivo* em “tens de vir” e “tens de começar a fazer tudo agora?”. Alguns alunos perceberam o significado das expressões e disseram que estas expressões mostravam obrigação e necessidade. A professora estagiária perguntou se conheciam outro uso destas perífrases verbais, mas os alunos não souberam responder. Como os alunos ainda não estavam a compreender, a professora apresentou aos alunos um outro uso destas, que se utiliza para exprimir a probabilidade e a possibilidade.

Para trabalho de casa, os alunos tiveram de escrever um texto sobre a casa dos seus sonhos, num texto de cento e vinte a cento e cinquenta palavras, usando três das perífrases aprendidas na

²²Veja-se o anexo II

aula para descrevê-la. Este trabalho de casa permitiu-lhes praticar o que tinham aprendido na aula. Depois de recolher os resultados, resumi que as perífrases verbais mais usadas no trabalho escrito dos alunos foram *dever + inf.*, *poder + inf.*, e *ter de + inf.* Apresentam-se aqui algumas frases produzidas pelos alunos:

- “Essa casa deve ficar perto da praia.”
- “Também tem de ter um jardim pequeno...”
- “... quero fazer churrascos no jardim aos fins de semana, por isso, devo ter um espaço para isso.”
- “... pode-se ver a montanha.”
- “Não deve ter andares, e deve ser cercada por um jardim com árvores altas.”
- “A casa deve ser construída em materiais modernos que vão ajudar a poupar e economizar energia.”

Houve algumas frases que foram bem formadas mas em que se usaram verbos inadequados ou a subida do pronome clítico nas orações subordinadas:

- * “A casa...tem de estar perto do mar.” (que deve ser “A casa tem de ficar/ser perto do mar.”)
- * “Uma janela cobre toda a parede, onde pode-se ver o entardecer.” (que deve ser: “..., onde se pode ver o entardecer.”)

Estes erros são compreensíveis por causa do nível inicial dos alunos e porque ainda não tinham aprendido muito sobre este tema gramatical, relativamente novo.

Em geral, não houve muita variedade no uso das perífrases verbais. A perífrase verbal mais usada foi *dever + inf.*, até houve uma aluna que repetiu sempre só esta perífrase no seu trabalho. Uma vez que poucos alunos entregaram o trabalho de casa, não foi possível obter uma avaliação mais detalhada do resultado da utilização das perífrases verbais dos alunos.

2.2.2 Segunda unidade didática

A segunda unidade didática foi realizada no dia 25 de março de 2015, na turma do segundo semestre. Através das atividades de compreensão oral e leitura e produção escrita, os alunos aprenderam o uso das perífrases verbais como *acabar de + inf.*, *começar a + inf.*, *costumar + inf.*, *estar a + inf.* e *ter de + inf.* O tema desta unidade didática é sobre a rotina diária, com a qual os alunos aprenderam vocabulário para descrever o seu dia a dia.

A interação oral entre a professora estagiária e os alunos foi como a aula se iniciou. A conversa foi sobre as atividades realizadas no dia a dia dos alunos, tendo como objetivo mobilizar conhecimentos prévios dos alunos sobre os verbos no presente do indicativo, que são utilizados frequentemente no dia a dia. Notou-se que, quando contaram factos sobre a rotina diária, os alunos não usaram nenhuma perífrase verbal.

Continuou-se a aula com a competência de compreensão oral. Os alunos tiveram de ouvir um documento áudio sobre a rotina diária de uma portuguesa, por duas vezes e, ao mesmo tempo, preencher os espaços²³. Depois de o exercício ser realizado, a professora estagiária perguntou aos alunos se alguém sabia o uso das perífrases no texto como: *acabar de + inf.*, *começar a + inf.*, *costumar + inf.*, *estar a + inf.* e *ter de + inf.* A maioria dos alunos sabia o uso das perífrases verbais *acabar de + inf.*, *começar a + inf.* e *estar a + inf.* A professora estagiária explicou aos alunos como se usam *costumar + inf.* e *ter de + inf.* Pode-se ver que os alunos só puderam reconhecer as perífrases verbais formadas pelos verbos auxiliares que não perdem o seu significado, isto é, as perífrases cujo significado é ainda compreensível a partir do significado do verbo auxiliar.

A seguir, realizou-se a interação oral entre os alunos. Em pares, os alunos conversaram sobre o seu dia a dia e, depois da conversa, tiveram de contar o dia a dia do colega com o qual falaram. A professora estagiária pediu aos alunos para utilizarem as perífrases verbais mencionadas. No entanto, houve poucas perífrases verbais empregadas nos diálogos, talvez porque os alunos não tivessem, ainda, interiorizado o seu emprego, por ser uma aprendizagem recente.

Para o trabalho de casa, os alunos tiveram de escrever um texto de 80 a 120 palavras, contando os seus hábitos de fim de semana, usando três das perífrases verbais faladas na aula. Recebi um total de dez trabalhos, sendo que, em três, não houve o uso de nenhuma perífrase verbal.

²³Veja-se o texto transcrito no anexo III

As perífrases verbais apresentadas nos trabalhos foram: *costumar + inf.*, *estar a + inf.* e *ir + inf.* Apresentam-se aqui algumas frases escritas pelos alunos:

- “Costumo acordar às seis e visitar os doentes...”
- “Costumamos visitar os pais do meu namorado...”
- “Aos fins de semana [sic] costumo levantar-me mais tarde.”
- “...estou a morar no Porto.”
- “Vou comer na pastelaria com amigos.”
- “Vou servir o jantar aos doentes e ajudá-los a deitar-se. [sic]”

Apareceram algumas frases erradas relativas à preposição de *ir + inf.*:

- * “...vou para dormir.” (que deve ser “...vou dormir”).
- * “...vamos a passear.” (que deve ser “...vamos passear”).

Este tipo de erro aconteceu com os alunos que tem como língua materna o espanhol.

Outro tipo de erro foi da subida obrigatória do pronome clítico na oração subordinada:

- * “...horas que vou deitar-me.” (que deve ser “...horas que me vou deitar.”)

Em resumo, não se encontrou muita variedade no uso de perífrases verbais, nos trabalhos escritos dos alunos. No entanto, apenas depois de uma aula, os alunos ainda não deviam estar habituados em usá-las, o que não é difícil de compreender, dado que são de nível A1.2

2.2.3 Terceira unidade didática

A terceira unidade didática foi dividida em duas aulas que foram realizadas no dia 14 e 20 de maio de 2015. Esta unidade didática teve como objetivo rever e aprender mais as perífrases verbais *acabar de + inf.*, *dever + inf.*, *ir + inf.*, *poder + inf.* e *ter de + inf.*, entre outros assuntos. As atividades principais aplicadas foram compreensão de leitura e interação oral.

No início, os alunos leram um diálogo entre uma funcionária dos correios e uma cliente sobre o levantamento de dinheiro enviado através do serviço da Western Union²⁴. Como os alunos eram todos estrangeiros, este tema poderia ajudá-los a comunicar nos serviços públicos. No diálogo, apresentaram-se as perífrases verbais *poder + inf.* e *ter de + inf.* Depois de ler o texto, os alunos tiveram de reescrever as frases da forma *é preciso + inf.*, *precisar de + inf.* e do modo imperativo para a forma *ter de + inf.* Os alunos puderam realizar, satisfatoriamente, este exercício de reescrita. As frases que os alunos deveriam ter reescrito eram:

- “Agora é preciso preencher este formulário.” → *Tem de preencher este formulário.*

Alguns alunos escreveram “tens de preencher”. Não estava errada esta frase, mas como a forma de tratamento entre a funcionária e a cliente neste contexto em particular e entre funcionários nos serviços públicos e clientes em geral é de “você” ou na terceira pessoa, por isso, aqui devia ser “tem de preencher”, que é subentendido como “a senhora/a menina/você tem de preencher o formulário”.

- “Preciso de verificar as informações.” → *Tenho de verificar as informações.*
- “...confirme e assine este recibo.” → *Tem de confirmar e assinar este recibo.*

Os alunos, depois de fazerem este exercício, reconheceram que *ter de + inf.* impõe necessidade, obrigação, e por vezes, pode substituir uma ordem ou um pedido no modo Imperativo.

Seguidamente, os alunos tiveram de simular uma situação de indicar e dar informações na rua empregando, além do modo Imperativo, as estruturas *ter de + inf.* e *dever + inf.* A situação colocada foi: um turista está na rua e quer visitar alguns lugares da cidade. Encontra algumas pessoas e começam a trocar informações. Além de *dever + inf.* e *ter de + inf.*, os alunos usaram também *continuar a + inf.*, *ir + inf.* e *poder + inf.* Embora ainda façam confusão em usar as formas de tratamento, por exemplo, misturaram “tu” e “você” para tratar a mesma pessoa, as dramatizações correram muito bem com o uso de várias perífrases verbais diferentes. Algumas frases produzidas com perífrases verbais nos diálogos dos alunos foram:

- *Tem de virar à esquerda.*
- *Pode ver no mapa.*

²⁴Veja-se o anexo IV

- *Continua a ir pela rua...*
- *Vai ver uma igreja.*

2.2.4 Outras atividades

I. O anexo V, que foi dado na segunda turma, é um diálogo que os alunos tiveram de ler entre um empregado de mesa e dois clientes sobre uma refeição no restaurante. As perífrases verbais contidas no diálogo foram: *dever + inf.*, *haver de + inf.*, *ir + inf.* e *poder + inf.* Destacaram-se os usos de *dever + inf.* e *haver + inf.*

Pela primeira vez, os alunos tiveram contacto com a leitura epistémica de *dever + inf.* Coloquei duas leituras (deôntica de necessidade e epistémica) para que os alunos pudessem fazer comparação e perceber os usos diferentes desta perífrase verbal:

- “A comida deve ser muito boa.” (Uma vez que o preço da comida é alto, é provável que seja boa.)
- “Então, deviam provar o nosso arroz de marisco...” (É melhor provar o arroz de marisco.)

Em seguida, apresentou-se aos alunos a perífrase verbal *haver de + inf.* aliada a uma leitura temporal de futuridade que exprime uma convicção ou intenção forte:

- “Havemos de voltar cá outra vez.” (Vamos voltar cá outra vez.)

Os alunos, depois de consultar este diálogo, também tiveram de simular um diálogo entre empregados de restaurante/cafetaria com clientes, empregando as perífrases verbais aprendidas. As perífrases mais utilizadas nos diálogos dos alunos foram *dever + inf.*, *ir + inf.*, *poder + inf.*, *ter de + inf.* Ainda não se habituaram a usar *haver de + inf.*, talvez por ser menos utilizada normalmente e não ouvirem muito na vida fora da aula.

II. O anexo VI, que também foi distribuído na segunda turma, é um postal enviado por uma menina a um amigo seu quando estava de férias na Madeira. Depois de lerem e preencherem os espaços, os alunos explicaram o uso das perífrases verbais utilizadas no postal *acabar de + inf.*, *dever + inf.*, *ir + inf.* e *ter de + inf.* Este exercício tem como objetivo rever e mobilizar conhecimentos prévios dos alunos. Pretendi colocar *dever + inf.* e *ter de + inf.* numa mesma frase para que os alunos pudessem fazer a comparação entre as duas estruturas:

- “Deves estar aborrecida por ter de ficar em casa sozinha.” (Aqui *dever + inf.* tem a leitura epistémica para exprimir a possibilidade e *ter de + inf.* tem a leitura deontica que exprime a obrigação).

Não puderam explicar a leitura epistémica de *dever + inf.*, mas puderam explicar a leitura deontica de obrigação de *ter de + inf.* Souberam explicar a leitura aliada à futuriade de *ir + inf.* em “...vou mandar-te mais postais e contar-te mais histórias da Madeira.” Apresentou-se aos alunos a perífrase verbal *acabar de + inf.* quando exprime “um passado recente”:

- “Acabei de chegar à Madeira e escrevo-te.” (*acabar de + inf.* recebe uma leitura temporal, na qual localiza o evento descrito pelo predicado num momento imediatamente anterior à enunciação).

2.3 Assuntos e questões colocados pelos alunos

Durante as aulas, os alunos mostraram interesse pelas perífrases verbais já que colocaram várias questões relativas à utilização desta estrutura. Transcrevem-se, a seguir, algumas das perguntas mais interessadas pelos alunos:

1) Qual é a diferença entre *estar a + inf.* e *estar + gerúndio*?

Não há nenhuma diferença entre *estar a + inf.* e *estar + gerúndio*. Segundo Cunha & Cintra (1996) e Oliveira (2013), a forma *estar a + inf.* é a forma padrão do português europeu e a forma *estar + gerúndio* é do português do Brasil. Em certas variedades do português europeu (principalmente no Alentejo, no Algarve e nos Açores), também se encontra a forma *estar + gerúndio*. Encontra-se *estar + gerúndio* também nos países africanos de língua portuguesa.

2) Qual é a diferença entre *ter de + inf.* e *ter que + inf.*?

Considera-se que a forma *ter que + inf.* é a forma alternativa de *ter de + inf.* No entanto, a construção *ter de + inf.* é considerada mais normativa e mais formal. Nota-se que em alguns casos, *ter que + inf.* não exprime a obrigatoriedade, como, por exemplo na frase: “Tenho que comer no frigorífico”. Entende-se a frase como: “Tenho alguma coisa para comer no frigorífico”

3) *Ter de + inf.* impõe obrigação e necessidade mais forte do que *dever + inf.*?

De acordo com Olivera (2013), as interpretações deôntica e externa associadas à leitura de obrigação ou de necessidade de *ter de + inf.* é muito mais forte do que *dever + inf.* Segundo Coimbra e Leite (2007), *dever + inf.* exprime obrigação moral, o que está certo e *ter de + inf.* exprime forte necessidade e obrigação. Aqui pode-se entender que a obrigação/necessidade de *dever + inf.* é opcional e moral, enquanto a de *ter de + inf.* é mais física e obrigatória mesmo, como se ilustra no contraste entre os seguintes exemplos:

a) *O exame vai começar daqui a dez minutos, debes ir à casa de banho agora ou não podes ir durante duas horas.* (É melhor ir agora, mas se não precisares, não vais).

b) *Tenho dor de barriga, não consigo aguentar. Tenho de ir à casa de banho agora mesmo.* (É mesmo obrigatório ir à casa de banho).

Contudo, nos documentos de carácter normativo (tipo decretos-lei ou regulamentos que têm restrições e temos de cumprir), *dever + inf.* assume o valor modal de obrigatoriedade como *ter de + inf.*, por exemplo: “Sempre que tal lhes seja solicitado, os membros dos órgãos da CMVM devem apresentar-se perante a comissão parlamentar competente, para prestar informações ou esclarecimentos sobre a respetiva atividade.” (Decreto-Lei n.º 5/2015).

4) Podemos dizer “Tenho de telefonar-lhes amanhã de manhã.” ou “Tenho de lhes telefonar amanhã de manhã.”?

As duas frases são aceitáveis, mas a segunda está melhor, dado que a preposição (neste caso, “de”) é um atrator de próclise. Nota-se que não se pode dizer: * “Tenho-lhes telefonar amanhã de manhã”.

3. Avaliação dos resultados obtidos e das atividades aplicadas

Nesta parte, avalia-se o desenvolvimento dos alunos através dos dados obtidos dos exames finais do curso. As atividades e estratégias pedagógicas utilizadas nas aulas serão avaliadas pelos comentários dos alunos e a autorreflexão da professora estagiária.

3.1 Os resultados da turma 1

Os dados apresentados foram recolhidos nos trabalhos dos alunos no exame final do curso, que foi realizado no dia 05 de fevereiro de 2015. Foram dois trabalhos escritos, um exercício de preenchimento de espaços e um exercício de reescrita de frases.

O tema do primeiro trabalho foi: “Escreva um texto em que se apresente, fale da sua rotina diária aqui no Porto e em que conte os seus planos para o ano 2015 (mínimo de 100 palavras e máximo de 150 palavras”. O segundo foi: “Escreva um postal a alguém que se encontra no seu país a contar como foram as suas férias no lugar ilustrado no seu postal”. Como os textos foram curtos, apresento aqui uma tabela, na qual se indica o número de ocorrências com as perífrases verbais usadas em ambos os trabalhos:

Alunos	acabar de + inf.	andar a + inf.	começar a + inf.	continuar a + inf.	costumar + inf.	dever + inf.	estar a + inf.	haver de + inf.	ir + inf.	poder + inf.	ter de/que + inf.	Total
1º	0	0	1	0	1	0	1	0	1	0	0	4
2º	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
3º	0	0	0	0	0	0	1	0	3	0	0	4
4º	0	0	0	0	1	0	0	0	2	1	1	5
5º	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	2
6º	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
7º	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	2	4
8º	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
9º	0	0	0	0	0	0	1	0	4	1	1	7
10º	0	0	1	0	0	0	1	0	0	3	0	5
11º	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
12º	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
13º	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
Total	0	0	2	0	3	2	5	0	13	7	5	37

Tabela 1: A utilização das perífrases verbais nos trabalhos escritos dos exames finais dos alunos da turma 1

Pode-se ver na tabela que há perífrases verbais que não foram utilizadas como *acabar de + inf.*, *continuar a + inf.*, e *haver de + inf.* No entanto, há outras que apareceram com muita frequência como *ir + inf.*, *poder + inf.*, *estar a + inf* e *ter de/que + inf.* Em geral, os alunos, nos

trabalhos escritos, tentaram usar perífrases verbais, mas usaram as erradas ou não usaram preposições corretas, por exemplo: * “costumo de lanchar”, * “costumo de almoçar”, * “costumo de falar” e * “vou continuar estudar”. Num futuro trabalho, faria sentido trabalhar as perífrases, mas chamando a atenção para as preposições que regem cada uma delas.

A seguir, foi pedido aos alunos para identificarem e corrigirem os erros numa frase em que foi utilizada a perífrase verbal *ir + inf.*, que, na produção oral, os alunos costumavam usar mal. As frases erradas para corrigir foram: * “No domingo, vou a ir a um restaurante com os amigos portugueses.” e * “Vou a falar de uma cidade onde se instalam muitos turistas todos os verões”. 10/13 alunos conseguiram corrigir as frases. Os três alunos que não corrigiram bem as frases todas conseguiram identificar o erro na utilização da preposição *a*. Porém, encontraram o mesmo erro ao usar * “vou ir”.

Finalmente, foi pedido aos alunos para completarem as frases com os verbos indicados, conjugando-os no tempo, número e pessoa adequada²⁵. Apresenta-se, em seguida, uma tabela com os resultados do exercício realizado.

Alunos	acabar de + inf.	andar a + inf.	começar a + inf.	dever + inf.	haver de + inf.	ter de + inf.	Total
1 ^o	1	1	1	1	0	0	4
2 ^o	0	0	0	1	0	0	1
3 ^o	0	0	0	1	0	1	2
4 ^o	1	0	0	1	0	1	3
5 ^o	0	0	0	1	0	0	1
6 ^o	0	0	0	1	0	1	2
7 ^o	0	0	0	1	0	1	2
8 ^o	0	0	1	0	0	1	2
9 ^o	0	1	1	1	0	0	3
10 ^o	1	1	1	1	0	0	4

²⁵Veja-se no anexo VII

11 ^o	1	1	1	1	0	1	5
12 ^o	0	1	0	1	0	0	2
Total	4	5	5	11	0	6	31

Tabela 2: A correção no uso das perífrases verbais no exercício de preencher os espaços da turma 1

Pode-se ver, na tabela, que nenhum aluno conseguiu obter a resposta correta com a perífrase verbal *haver de + inf.* De facto, houve cinco alunos que escolheram a frase correta com o verbo *haver*, mas o tempo e o modo verbal estiveram incorretos por exemplo: **“Haver de nos encontrar lá”* ou **“Houve de nos encontrar lá”*. A conjugação dos verbos também causou outros erros nas respostas.

3.2 Os resultados da turma 2

Os dados da turma 2 também foram tirados do exame final do curso, que foi realizado no dia 04 de junho de 2015. Analisa-se as perífrases verbais usadas em dois trabalhos escritos e num trabalho de correção de erros.

O primeiro trabalho pedia que os alunos escrevessem um postal a alguém que se encontra no seu país a contar como foram as suas férias no lugar ilustrado no seu postal. Representam-se aqui as perífrases verbais empregadas:

Alunos	estar a + inf.	ir + inf.	poder + inf.	ter de + inf.	Total
1 ^o	0	0	0	0	0
2 ^o	1	0	1	1	3
3 ^o	1	0	0	0	1
4 ^o	0	0	0	0	0
5 ^o	0	0	3	0	3
6 ^o	0	0	0	0	0
7 ^o	0	3	1	1	5
8 ^o	0	1	0	0	1
9 ^o	1	0	0	0	1

10°	0	0	2	0	2
11°	0	0	0	0	0
12°	1	0	0	1	2
13°	0	1	2	0	3
14°	0	0	2	0	2
15°	0	0	0	0	0
Total	4	5	11	3	23

Tabela 3: A utilização das perífrases verbais no trabalho escrito dos exames finais dos alunos da turma 2.

Houve 5/15 que não usaram nenhuma perífrase verbal. No resto, não se constatou uma variedade em usar perífrases verbais por haver apenas quatro perífrases verbais usadas, que são *estar + inf.*, *ir + inf.*, *poder + inf.* e *ter de + inf.* A perífrase mais representada foi *poder + inf.*

Seguidamente, os alunos também tiveram de identificar e corrigir os erros no uso da perífrase verbal *ir + inf.* A frase para os alunos corrigiram foi: **“A cidade que vou a apresentar é no sul do país”*. Nesta tarefa, 12/15 conseguiram identificar e corrigir o erro de utilização da preposição “a”.

A última tarefa que os alunos realizaram foi a escrita de três intenções para 2015. Para concluir esta tarefa, os alunos deviam usar as palavras, expressões ou perífrases verbais para exprimirem os seus desejos, convicções ou plano no futuro. As intenções propostas, nas quais foram utilizadas perífrases verbais, foram:

- *Devo fazer um jantar em casa cada mês.*
- *Hei de fazer mestrado em Economia.*
- *Hei de aprender a comer porco.*
- *Hei de fazer mais jantares.*
- *Hei de fazer outro jantar e convidar os colegas.*
- *Hei de visitar a minha família no verão.*
- *Hei de falar mais português.*

- *Hei de fazer amigos em Portugal.*
- *Hei de viajar em Portugal e também visitar a Madeira.*
- *Hei de organizar os jantares.*
- *Hei de fazer amigos mais rapidamente.*
- *Hei de tentar fazer pão de ló.*
- *Hei de falar melhor português.*
- *Hei de viajar a Espanha. [sic]*
- *Hei de visitar Faro, Aveiro e o Porto.*
- *Tenho de ler 12 livros de história do Camboja.*
- *Tenho de aprender português.*
- *Vou escutar só missões [sic] em português.*
- *Vou falar apenas português com toda a gente.*
- *Vou aprender a cozinha portuguesa.*
- *Vou comprar um carro novo.*
- *Vou organizar férias no verão.*

A partir da lista das frases produzidas pelos alunos, pode-se ver que a perífrase verbal *haver de + inf.* foi bem utilizada, mesmo que não seja usada nos trabalhos escritos em cima.

Nesta tarefa, encontraram-se alguns erros quando os alunos tentaram usar perífrases verbais. A maioria dos erros é relativa ao uso das preposições. O primeiro tipo de erro é o do uso da perífrase verbal *ir + inf.* Em vez de *ir + inf.*, escreveram **ir a + inf.* Este erro, durante o curso, foi o erro mais comum dos alunos:

- **“Este ano eu vou a começar um outro curso de português para estrangeiros.”* (que deve ser “...vou começar um outro curso de português para estrangeiros.”).

- *“Este ano vou a ter muitos mais amigos portugueses.” (que deve ser “...vou ter muitos mais amigos portugueses.”).

Este erro decorreu do facto de os estudantes serem hispanofalantes, dado que, em espanhol, nesta perífrase se usa a preposição *a*.

O próximo erro tem a ver com a perífrase verbal *haver de + inf*. A falta de preposição *de* apresentou aqui:

- *“Hei concluir pelo menos dois níveis de português.” (que deve ser “Hei de concluir pelo menos dois níveis de português.”).

Especialmente, um aluno usou *haver que + inf* em vez de *haver de + inf*: Parece que aqui houve uma confusão com a perífrase *ter de/que + inf*.

- *“Hei que estudar mais português.” (que deve ser “Hei de estudar mais português.”).
- *“Hei que arranjar mais amigos.” (que deve ser “Hei de arranjar mais amigos.”).

O último erro detetado nesta tarefa foi a forma verbal do verbo pleno:

- *“Tenho de acabei o curso de português para estrangeiros.” (que deve ser “Tenho de acabar o curso de português para estrangeiros.”).

Neste caso, o verbo pleno foi conjugado no modo pretérito perfeito do indicativo. Como foi o único erro que tem a ver com a forma verbal do verbo pleno, não há suficientes condições para se poder explicar a razão que o causou.

3.3 Avaliação das atividades aplicadas

Depois de cada unidade didática realizada, os alunos receberam um questionário²⁶ para avaliar a regência da professora estagiária, para que a professora pudesse saber do que gostaram mais na aula, o que acharam sobre os temas, as atividades e exercícios propostos entre outras coisas.

Sobre as atividades aplicadas na aula, a maioria dos alunos gostou mais da parte de interação oral quer a dialogar quer a dramatizar. Quando responderam ao questionário, a maioria dos alunos das duas aulas gostou da parte de “fazer diálogo”, “exercício prático oral”, “dramatização oral”,

²⁶Veja-se no anexo VIII

“diálogo em grupo”, “trabalhar e falar com os colegas” e outras coisas mais. Não houve nenhum aluno que achasse que na aula houvesse demasiados exercícios práticos. A interação entre a professora e os alunos também foi mencionada e recebeu comentários positivos. Os alunos gostaram da “participação da professora nas atividades dos alunos”, “disponibilidade da professora”, “a vontade da professora para esclarecer dúvidas e a atenção aos alunos”, “explicação das dúvidas”, entre outros.

Os temas lecionados e outras atividades como compreensão oral também obtiveram comentários positivos quando os alunos mencionaram que gostaram dos “tópicos” que discutiram na aula, de “ouvir diálogo” e de “exercício de gramática”.

No entanto, nas primeiras aulas das duas turmas, ainda houve alunos que não se sentiam à vontade na aula para fazer perguntas à professora estagiária e pedir para esclarecer dúvidas. Acharam que a professora estagiária não tinha segurança suficiente a dar informações e esclarecer dúvidas. Outros acharam que a professora estagiária estava nervosa durante algumas aulas e que não falava muito alto. Algumas sugestões foram dadas à professora estagiária, por exemplo, “falar mais alto”, “mais dinâmica”, “ter mais segurança”, e assim por diante.

Como fui eu a professora estagiária, também acho que as atividades de interação oral trouxeram mais benefícios para a aprendizagem dos alunos. Sentiram-se à vontade na aula para fazer dramatização e realizar diálogos como os seus colegas. O trabalho em grupo, a colaboração entre os alunos e a ajuda da professora estagiária permitiram os alunos a ganhar mais autoconfiança em falar e se pronunciar sem hesitação. E como foram realizadas na aula, com a provisão da professora, as atividades foram cumpridas da maneira que a professora pediu. Houve alguns alunos que não gostaram da dramatização porque não se sentiram confortáveis quando tiveram de falar diante dos colegas. Provavelmente, sentiram vergonha por não dominar bem a língua.

Os trabalhos de casa não trouxeram o bom resultado como tinha sido esperado. A razão principal foi nem todos os alunos entregaram os trabalhos pedidos. Aliás, dentro dos trabalhos entregues, nem todos cumpriram o que a professora pediu.

Da minha parte, por falta de experiência, às vezes fiquei nervosa e falei pouco alto quando dei as aulas. Todavia, tentei procurar resoluções como dividir a turma em grupos pequenos, circular e participar em cada grupo para controlá-los e para responder as dúvidas o mais detalhado possível.

Geralmente, através dos resultados obtidos dos exames finais e das atividades realizadas, pode-se ver o desenvolvimento em usar as perífrases verbais em ambas turmas. Mostraram os seus interesses em aprender as perífrases verbais. De certa forma, usaram as perífrases verbais com variedades. Aplicaram todas as perífrases verbais aprendidas nas aulas nas suas produções escritas e orais.

Conclusão

Quando foram questionados, os alunos todos das duas turmas acharam útil trabalhar perífrases verbais nas aulas. As razões mais mencionadas foram:

- *é necessário utilizar as perífrases verbais no dia a dia*
- *para enriquecer vocabulário*
- *para aprender mais a usar preposições*
- *para discutir, argumentar*
- *para facilitar a compreensão oral*

Alguns alunos disseram nos questionários que gostaram mais de aprender perífrases verbais nas aulas porque aprenderam “mais as expressões coloquiais”, “palavras novas”, “coisas novas”, entre outros. Pelo interesse que os alunos mostraram, já se pode concluir que a aprendizagem das perífrases verbais foi útil e interessante para eles. Muitas informações necessárias foram-lhes fornecidas. Puderam usar não só que *ir + inf.* para exprimir o futuro. Souberam que *ter de/que + inf* ou *dever + inf.* podem exprimir mais do que a obrigação. Ou simplesmente, nunca se pode dizer *ir a + inf.*

Em comparação com os primeiros dias do curso, através dos diálogos, das dramatizações e dos trabalhos escritos, os alunos apresentaram um grande desenvolvimento em usar e variar as perífrases verbais. Graças às perífrases verbais aprendidas, os alunos puderam exprimir com facilidade e flexibilidade o que quiseram, da obrigação à epistémica, da futuridade à convicção, entre outros. Ainda existiram erros, gralhas e algumas incompreensões, mas, em geral, os alunos manifestaram uma evolução positiva.

Para mim, o estágio pedagógico foi uma experiência nova e interessante. Foi a primeira vez que tive oportunidade de dar aulas para alunos estrangeiros enquanto na altura, ainda era estudante e participava num outro nível do Curso de Português para Estrangeiros. Muitas vezes fui a aluna desta turma de manhã, mas professora noutra turma à noite. Foi uma experiência única. Contudo, acho que tive vantagens. Como estive em duas posições e tomei dois papeis diferentes, percebi o que os alunos precisaram e o que a professora devia-lhes fornecer. Foi mais difícil trabalhar como

professora numa aula, o que pediu toda a responsabilidade, a sabedoria, a paciência, a simpática e muito mais, dos quais ainda faltei.

Quando preparei os materiais e a planificação das aulas, tive de pensar muito. O que os alunos querem? O que os alunos precisam? O que posso dar? Os materiais são necessários? São úteis as atividades e os exercícios? Muitas mais perguntas foram colocadas. Pensei como uma professora tal como uma aluna. Decidi começar pelo ambiente da sala de aula. Uma vez que nós todos fomos (estudantes) estrangeiros, heterogéneo de nacionalidade, género e idade, queria que a sala de aula tenha um ambiente que todos se possam unir e partilhar. Os trabalhos em grupo como a dramatização foram propostas. Houve sempre nas aulas os diálogos entre a professora e os alunos, o que ajudou a professora e os alunos a aproximar-se. A partilha e a participação da professora com os alunos eliminaram as hesitações dos alunos e por isso, os alunos sentiram-se mais confortáveis e à vontade para participar nas atividades e colocar questões durante a aula.

Embora não se possa recusar o desenvolvimento dos alunos bem como os comentários positivos, ainda existiu lados negativos. Algumas aulas não foram muito dinâmicas e alguns temas deviam ser mais abertos e mais profundos. Além disso, por causa de a professor ser estrangeira, ter pouca experiência e ainda ter dificuldades linguísticas, alguns alunos não se sentiram à vontade na aula.

Em resumo, a minha esperança inicial quando escolhi o tema já foi realizada, o que se pode ver nos resultados apresentados. Além disso, a experiência obtida depois do estágio será útil para a minha carreira no futuro. No que diz respeito ao ensino de PLE, gostaria de continuar a estudar e investigar mais nesta área para que possa contribuir no ensino-aprendizagem de PLE no meu país, em particular, uma vez que ainda se representam muitas dificuldades e lacunas no ensino de PLE no Vietname. Estudar e procurar as estratégias mais adequadas aos alunos e ao ambiente da sala de aula serão os meus próximos estudos.

Referências bibliográficas

- Aguilar, A.M. & Simarro, M. 2008. *Dramatizando la gramática*. Disponível em http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/asele/pdf/19/19_0891.pdf (consultado pela última vez a 30/6/2015)
- Arroyo, C. 2003. *La dramatización y la enseñanza del español como segunda lengua*. Madrid: Comunidad de Madrid.
- Barroso, H. (1994). *O Aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo visão funcional/sincrónica*. Coleção Mundo de Saberes. Porto: Porto Editora.
- Castillho, A. 2002. Aspecto verbal no Português Falado. *Gramática do Português Falado*. Volume VIII. São Paulo: Editora da UNICAMP.
- Conselho da Europa. 2001. *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, Ensino, Avaliação*.
- Cuesta, P.V. & Luz, M.A.M. (1983). *Gramática da Língua Portuguesa*. (Tradução de Brito, A.M. e Matos, G.) . Coleção Lexis. Lisboa: Edições 70.
- Cunha, C. & Cintra, L.F.L. 1985. *Breve Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Cunha, C. & Cintra, L.F.L. (1996). *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (12^a edição). Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Cunha, L. F. (2006). Frequência vs. Habitualidade: Distinções e Convergências. In M. V.Llamazares (ed.). *Actas del XXXV Simpósio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística* (pp. 333-357). León: SEL/ Universidad de León.
- Cunha, L.F. (2013). Aspeto. In Raposo, E.B.P., Nascimento, M.F.B., Mota, M.A.C., Segura, L. e Mendes, A. (org.), *Gramática do Português* (pp. 585-616), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Longo, B.O. & Campos, O.S. 2002. A auxiliareidade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. *Gramática do Português Falado*. Volume VIII. São Paulo: Editora da UNICAMP.

Mateus, M.H.M et al. 2004. Gramática da Língua Portuguesa. Lisboa: Editorial Caminho.

Oliveira, F. 2013. Modalidade. In Raposo, E.B.P., Nascimento, M.F.B., Mota, M.A.C., Segura, L. e Mendes, A. (org.), *Gramática do Português* (pp. 623-668), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Mendes, A. 2013. Processos de Gramaticalização. In Raposo, E.B.P., Nascimento, M.F.B., Mota, M.A.C., Segura, L. e Mendes, A. (org.), *Gramática do Português* (pp. 249-292), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Oliveira, F. 2013. Tempo, Aspetto, Modalidade e Modo. In Raposo, E.B.P., Nascimento, M.F.B., Mota, M.A.C., Segura, L. e Mendes, A. (org.), *Gramática do Português* (pp. 509-553), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Raposo, E.B.P. 2013. Verbos Auxiliares. In Raposo, E.B.P., Nascimento, M.F.B., Mota, M.A.C., Segura, L. e Mendes, A. (org.), *Gramática do Português* (pp. 1221-1280), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Silva, A. 2002. A sobreposição modal em ir + infinitivo. *Gramática do Português Falado*. Volume VIII. São Paulo: Editora da UNICAMP.

Teyssier, P. 1989. *Manual de Língua Portuguesa (Portugal–Brasil)*, Coimbra: Coimbra Editora.

Anexos

PROGRAMA

Domínios de conteúdos	Temas	Contribuições gramaticais
Realidade sociocultural	<ul style="list-style-type: none"> - Formas de tratamento - Fórmulas rituais - Profissões - Nacionalidades - Família - Casas / partes / mobiliário - Religiões - Transportes - Ocupação de tempos livres - Partes do corpo - Dias da semana - Partes do dia - Horas - Meses do ano - Férias / viagens - Alimentação - Cidades / bairros - Serviços / lojas - Vestuário - ... 	Determinando <ul style="list-style-type: none"> - Artigo definido - Artigo indefinido - Demonstrativo - Possessivo - Interrogativo Meios <ul style="list-style-type: none"> - Género - Número Adjetivo <ul style="list-style-type: none"> - Género - Número - Grau (comparativo) - Adjetivo numeral Verbo <ul style="list-style-type: none"> - Modo indicativo – Tempos presentes; pretérito perfeito; futuro (pretérito) - Modo imperativo - Modo conjuntivo – Tempo presente - Conjugação: primeira (-e); segunda (-e); terceira (-t). - Verbos regulares e irregulares - Usos particulares de ser e de estar - Usos de ter e ficar
O conhecimento do mundo		Pronome <ul style="list-style-type: none"> - Pessoal (valores deictico e anafórico) - Formas tónicas e atónicas - Forma de sujeito alópia - Formas de complemento: reflexo; directo (acusativo) - Demonstrativo (valores deictico e anafórico)

Anexo II



CURSO ANUAL DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA – 1º SEMESTRE 2014/2015
Professora estagiária: Nguyen Thi Hai

I/ Leia o diálogo que se segue.

Andreia: Olá, tudo bem?

Bruno: Sim, tudo. E contigo?

Andreia: Também, estou bem. Olha, daqui a uma semana vou mudar de casa. Acabei de assinar o contrato com o dono.

Bruno: Vais mudar para onde?

Andreia: Para uma aldeia perto da cidade. É uma zona sossegada e não há muito trânsito. Dá para respirar.

Bruno: E como é a casa?

Andreia: Acho que é uma casa maravilhosa. Fica num terreno grande, tem dois quartos, uma sala de estar, uma casa de banho e uma cozinha. Em frente da casa há um pátio grande, um jardim muito lindo e uma piscina pequena.

Bruno: Que bom! Devem fazer churrascos frequentemente.

Andreia: Claro! Logo que acabe a mudança, fazemos um. Tens de vir!

Bruno: Sim, sim, hei de ir com certeza. Mas está tudo preparado para a mudança?

Andreia: Está quase, acho eu. Não vou levar todas as coisas para a casa nova. Vendi algumas mobílias, aparelhos e utensílios velhos e vou comprar novos para substituir.

Bruno: Tens de começar a fazer tudo agora. Já é na próxima semana que vais mudar de casa.

Andreia: Sim, tens razão. Ando a fazer uma lista das coisas necessárias. Vou fazer compras quando acabar de completar a lista. Queres ajudar-me?

Bruno: Está bem. Amanhã vou a tua casa. Começamos por ver o que precisas.

Andreia: Obrigada. Então está tudo combinado. Até amanhã.

Bruno: Até amanhã.

1. Quais são as expressões e verbos usados no diálogo para exprimir o futuro?
2. Qual é a diferença entre o verbo *haver* em “não há muito trânsito”, “há um pátio grande” e o verbo *haver* em “hei de ir”?
3. Qual é o uso de *dever* + *infinitivo* em “devem fazer churrascos frequentemente” e *ter de* + *infinitivo* em “tens de vir” e “tens de começar a fazer tudo agora”?

Anexo III

I. Ouça o áudio duas vezes e preencha os espaços.

Olá, _____ Teresa. _____ 28 anos e sou solteira. _____ de Coimbra mas agora _____ a morar no Porto. Sou secretária de uma empresa de finanças no Porto. _____ a trabalhar às 8:00, por isso _____ de me levantar muito cedo. _____ às 6:45 todos os dias. Depois de tomar um duche, _____ e às 7:30 _____ de casa para trabalhar. Não tenho tempo para tomar o pequeno-almoço em casa. Quando chego ao escritório, _____ uma sandes e bebo leite. O meu pequeno-almoço é bastante simples.

_____ das 8:00 às 12:00 e _____ com os meus colegas às 12:15. _____ cozinhar em casa, levar a comida e almoçar juntos na cantina. _____ de trabalhar às 16:00 e saio da empresa às 16:30. Depois do trabalho, às quartas e às sextas, vou à aula de ioga às 17:00. Nos dias que não tenho aula de ioga, _____ às compras e chego a casa cedo para preparar o jantar. O meu jantar é entre as 20:00 e 21:00. Após o jantar, _____ a loiça e _____ arrumações do quarto. _____ deitar-me às 22:00. Às vezes, saio com os amigos e _____ mais tarde. Ao fim de semana, _____ a Coimbra para visitar os meus pais. Lá, descanso, _____ com os meus sobrinhos e _____ do meu jardim.

II. Leia o texto e responda às perguntas que se seguem.

1. A que horas é que a Teresa se levanta?
2. O que é que a Teresa faz às 8:00?
3. Onde é que a Teresa toma o pequeno-almoço?
4. A que horas é que a Teresa almoça?
5. Com quem é que a Teresa almoça?
6. O que é que a Teresa faz às 16:00?
7. Quando é que a Teresa tem aula de ioga?
8. O que é que a Teresa faz quando não tem aula de ioga?
9. Quando é que a Teresa vai a Coimbra?
10. O que é que a Teresa faz em Coimbra?

Anexo III

I. Ouça o áudio 2 vezes e preencha os espaços.

Olá, **chamo-me** Teresa. **Tenho** 28 anos e sou solteira. **Sou** de Coimbra mas agora **estou** a morar no Porto. Sou secretária de uma empresa de finanças no Porto. **Começo** a trabalhar às 8:00, por isso **tenho** de me levantar muito cedo. **Levanto-me** às 6:45 todos os dias. Depois de tomar um duche, **visto-me** e às 7:30 **saio** de casa para trabalhar. Não tenho tempo para tomar o pequeno-almoço em casa. Quando chego ao escritório, **como** uma sandes e bebo leite. O meu pequeno-almoço é bastante simples.

Trabalho das 8:00 às 12:00 e **almoço** com os meus colegas às 12:15. **Costumamos** cozinhar em casa, levar a comida e almoçar juntos na cantina. **Acabo** de trabalhar às 16:00 e saio da empresa às 16:30. Depois do trabalho, às quartas e às sextas, vou à aula de ioga às 17:00. Nos dias que não tenho aula de ioga, **vou** às compras e chego a casa cedo para preparar o jantar. O meu jantar é entre as 20:00 e 21:00. Após o jantar, **lavo** a loiça e **faço** arrumações do quarto. **Costumo** deitar-me às 22:00. Às vezes, saio com os amigos e **deito-me** mais tarde. Ao fim de semana, **volto** a Coimbra para visitar os meus pais. Lá, descanso, **brinco** com os meus sobrinhos e **cuido** do meu jardim.

II. Leia o texto e responda às perguntas que se seguem.

1. A que horas é que a Teresa se levanta? **A Teresa levanta-se às 6:45.**
2. O que é que a Teresa faz às 8:00? **Às 8:00 começa a trabalhar.**
3. Onde é que a Teresa toma o pequeno-almoço? **Toma o pequeno-almoço no escritório.**
4. A que horas é que a Teresa almoça? **Almoça às 12:15.**
5. Com quem é que a Teresa almoça? **Almoça com os colegas dela.**
6. O que é que a Teresa faz às 16:00? **Acaba de trabalhar.**
7. Quando é que a Teresa tem aula de ioga? **Tem aula de ioga às quartas e sextas às 17:00.**
8. O que é que a Teresa faz quando não tem aula de ioga? **Quando não tem aula de ioga, vai às compras.**
9. Quando é que a Teresa vai a Coimbra? **Vai a Coimbra ao fim de semana.**
10. O que é que a Teresa faz em Coimbra? **Visita os pais, descansa, brinca com os sobrinhos e cuida do jardim.**

Anexo IV



CURSO ANUAL DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA – 2º SEMESTRE 2014/2015
Professora estagiária: Nguyen Thi Hai

I. Leia o diálogo.

A Joana chega aos correios...

Funcionária: Olá, boa tarde. Posso ajudá-la?

Joana: Boa tarde. Posso levantar o dinheiro enviado pelo serviço da Western Union aqui?

Funcionária: Claro que sim. Qual é o nome do beneficiário?

Joana: Joana Monteiro.

Funcionária: E o dinheiro vem de que país?

Joana: Vem do Brasil. O remetente é Vasco Monteiro.

Funcionária: Podia dizer-me o número de controlo da transferência?

Joana: Sim, é o 0137426520.

Funcionária: Ótimo. Agora é preciso preencher este formulário. Também tenho de ver a sua identificação.

Joana: Pode ser o passaporte ou o cartão de residência?

Funcionária: Sim, ambos são aceitáveis.

Joana: Então, aqui está o meu passaporte.

Funcionária: Obrigada. Só um momento. Preciso de verificar as informações.

Depois de a funcionária verificar as informações...

Funcionária: Está tudo correto. Aqui estão o seu passaporte e o dinheiro. Por favor, confirme e assine este recibo.

Joana: Está tudo. Obrigada. Adeus.

Funcionária: Adeus.

II. Responda às perguntas que se seguem.

1. Porque é que a Joana vai aos correios?
2. O que significa “*beneficiário*”, neste contexto?
3. O que significa “*remetente*”, neste contexto?
4. Reescreva a frase “*é preciso preencher este formulário*” com a estrutura *ter de + infinitivo* e com o verbo no modo Imperativo.
5. Reescreva a frase “*Preciso de verificar as informações*” com a estrutura *ter de + infinitivo*.
6. Reescreva a frase “*...confirme e assine este recibo*” com a estrutura *é preciso + infinitivo* e *ter de + infinitivo*.

Anexo V

NO RESTAURANTE

O Jorge e a Marta estão num restaurante.

Empregada: Boa tarde, já estão atendidos?

Jorge: Boa tarde, ainda não. Podemos ver a ementa?

Empregada: Claro. Aqui está a ementa. Podem escolher. Volto já.

Jorge: Acho que o preço é um pouco alto.

Marta: Sim, também acho. A comida deve ser muito boa.

Jorge: Então, o que vais pedir?

Marta: Não sei, parece-me tudo muito bom. E tu?

Jorge: Acho que vou pedir um prato de peixe. Vamos ver.

Empregada: Já escolheram?

Marta: Ainda não. A senhora tem alguma sugestão?

Empregada: Qual é o tipo de comida que preferem?

Marta: Preferimos frutos do mar.

Empregada: Então, deviam provar o nosso arroz de marisco e o peixe à brasileira.

Jorge: Gosto da sugestão. O que achas?

Marta: Então, vamos comer arroz de marisco. A dose dá para duas pessoas?

Empregada: Dá. As doses aqui são grandes. E para beber?

Jorge: Um jarro de caipirinha branca por favor.

Empregada: É tudo?

Jorge: Sim, é. Obrigado.

Depois de comer...

Empregada: Gostaram do prato?

Jorge: Sim, gostamos. Estava muito bom.

Empregada: Querem alguma sobremesa?

Jorge: Sim, queria uma mousse de chocolate. E tu, Marta?

Marta: Têm bananas bem maduras?

Empregada: Sim, temos

Marta: Queria duas bananas.

Empregada: Desejam mais alguma coisa?

Jorge: Não, obrigado. Era a conta se faz favor.

Depois de pagar a conta...

Jorge: Havemos de voltar cá outra vez. A comida é muito boa e o serviço também.

Marta: Sim, tens razão. Vou sugerir este restaurante aos meus amigos.

Anexo VI

Ouçá o áudio e preencha os espaços.

Madeira, 1 de abril de 2015

Querida Lara,

Acabei de chegar à Madeira e escrevo-te. Espero que estejas bem. Deves estar aborrecida por ter de ficar em casa sozinha.

Mando-te este postal da Madeira. Como vês na imagem, a Madeira é lindíssima. O clima cá é muito melhor do que no Porto. O ar também é mais puro e as praias, são espantosas. Do meu quarto, dá para ver o pôr do sol na praia. Nunca vi uma paisagem tão linda como esta! Gostava de ter-te aqui comigo.

Bem, vou mandar-te mais postais e contar-te mais histórias da Madeira. Fica à espera dos meus postais!

Um Xi-<3,

A tua melhor amiga,

Joana



Lara Fernandes

Rua da Saudade, nº 32, 1º esq.

4150-681 Porto




Anexo VII

3. Complete as frases com os verbos indicados, conjugando-os no tempo, número e pessoa adequados.

acabar	ter	dever	haver	andar	começar
--------	-----	-------	-------	-------	---------

- a) Aquele homem conhece bem o Porto. Ele _____ ser portuense.
- b) Atualmente, as crianças não _____ de trabalhar muito.
- c) Nós _____ a estudar português na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- d) O bebé _____ a chorar quando a mãe saiu de casa.
- e) Estes bolos estão fresquinhos porque _____ de sair do forno.
- f) Estarei no Porto em 2015. _____ de nos encontrar cá.

Anexo VIII

 <small>FAVORABLE TO EUROPE UNIVERSIDADE DO PORTO</small>	CURSO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA Turma 3 Nível A1.2 Professora estagiária: Nguyen Thi Hai
---	--

Por favor, responda a este questionário anónimo sobre a aula da professora estagiária Nguyen Thi Hai do dia de de 2015.

01. Compreendeu bem o que a professora explicou?

Sim	<input type="checkbox"/>
Não	<input type="checkbox"/>

Se não, porquê: _____

02. Sentiu-se à vontade na aula para fazer perguntas à professora e esclarecer dúvidas?

Sim	<input type="checkbox"/>
Não	<input type="checkbox"/>

Se não, porquê: _____

03. Acha que na aula houve demasiados exercícios práticos?

Sim	<input type="checkbox"/>
Não	<input type="checkbox"/>

04. O que aprendeu nesta aula tem utilidade prática para si?

Sim	<input type="checkbox"/>
Não	<input type="checkbox"/>

05. Acha útil trabalhar perifrases verbais nas aulas de português (*estar a + inf.*; *costumar + inf.*; *acabar de + inf.*; *ter de + inf.*; *começar a + inf.*, etc.)?

Sim	<input type="checkbox"/>
Não	<input type="checkbox"/>

Se sim, porquê: _____

06. Acha que a professora estagiária Nguyen Thi Hai pensou nas necessidades e nos interesses dos estudantes desta turma quando preparou a aula?

Sim	<input type="checkbox"/>
Não	<input type="checkbox"/>

07. Gostou da aula?

Sim	<input type="checkbox"/>
Não	<input type="checkbox"/>

08. Do que é que gostou mais na aula?

09. Do que é que gostou menos na aula?

10. Sugestões e comentários à aula da professora estagiária Nguyen Thi Hai.
